

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVIII nº 1602 | 19/12/2023

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

CUSTOS

CADÊ O DINHEIRO?

Apesar do protagonismo da avicultura e suinocultura no Paraná, produtor, mais uma vez, fecha as contas no vermelho



Aos leitores

2023 registrou diversas adversidades para a agropecuária paranaense. Ao mesmo tempo, o setor contabilizou inúmeras conquistas. Tanto as ações diante dos desafios como as vitórias em prol dos produtores rurais e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do Paraná foram registradas nas páginas da revista **Boletim Informativo** ao longo do ano.

Mesmo com a contagem regressiva para o fim da temporada, parcerias, convênios, ações e conquistas seguem em ritmo acelerado, como você confere nas páginas desta edição, a última de 2023. Sinal de que o Sistema FAEP/SENAR-PR tem, nos 365 dias do ano, o compromisso com o desenvolvimento do setor agropecuário.

A diretoria e colaboradores do Sistema FAEP/SENAR-PR agradecem a sua audiência e parceria ao longo deste ano. O **Boletim Informativo** tem um papel de destaque no processo de informar o produtor rural paranaense. Mas isso só ocorre de forma efetiva graças a participação de todos os elos da cadeia produtiva. Então, o nosso agradecimento. E esperamos nos encontrar nas páginas das edições de 2024.

Feliz Natal e um próspero 2024!

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Alexandre Leal dos Santos (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darci Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendente:** Carlos Augusto Albuquerque.

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach | **Colaboração:** Aline Barboza e Mylena Caroline da Silva | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação quinzenal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1602:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

DESEQUILÍBRIO FINANCEIRO

Levantamentos dos custos de produção da avicultura e da suinocultura mostram margens apertadas e tendência de que apenas grandes produtores permaneçam na atividade

PÁGS.
4 e 14

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Delegação organizada pela FAEP participou de sessão em Brasília para defender o teor de umidade da soja em 14%

Pág. 3

PREVENÇÃO

Fiscalização vai impedir entrada de máquinas agrícolas sem limpeza adequada para evitar riscos sanitários

Pág. 22

ILPF

Planejamento, capacitação e assistência técnica são indispensáveis para garantir benefícios no sistema

Pág. 28

DESTAQUE FEMININO

Joceli Borgo, de Guamiranga, deixou a fumicultura para assumir a liderança rural em iniciativas do município

Pág. 38

PARCERIA

Convênio entre SENAR-PR e Fetaep é renovado para 2024, com recursos para formação profissional

Pág. 40

MOBILIZAÇÃO



ATUALIZAÇÃO

SISTEMA FAEP
FAEP
SENAR-PR

Delegação da FAEP participa da audiência pública sobre umidade da soja

Lideranças do Paraná, única Federação presente na sessão em Brasília, defenderam a manutenção do índice de 14% para classificação da oleaginosa

A FAEP mobilizou uma delegação composta por dezenas de representantes da classe rural, entre produtores integrantes da Comissão Técnica (CT) de Cereais, Fibras e Oleaginosas, presidentes de sindicatos rurais e técnicos do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da entidade, para participar de audiência pública, em Brasília, no dia 13 de dezembro, proposta pelo deputado federal Sergio Souza, para discutir a diminuição do teor de umidade da soja. A FAEP é contrária à redução do percentual de 14% para 13% de umidade para classificação da oleaginosa. O Paraná foi a única Federação presente na audiência pública.

No dia 25 de outubro, a FAEP já tinha se manifestado oficialmente contra a redução do índice de umidade da soja em ofício encaminhado à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), deputados federais e senadores do Paraná. Na reunião da CT de Cereais, Fibras e Oleaginosas, em 20 de novembro, produtores paranaenses reforçaram o posicio-

namento contrário à medida do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa).

A mudança da norma, segundo o Mapa, seria necessária para atender a um novo padrão exigido pela China. Na avaliação da FAEP, a redução do teor de umidade poderia reduzir a competitividade internacional do Brasil, além de onerar o setor produtivo.

“O produtor é o primeiro a perder com a redução da umidade para 13%. Não vamos aceitar essa alteração, pois não podemos absorver esse prejuízo. O produtor terá pelo menos 1,15% a menos de produto para vender, impactando diretamente na sua receita”, destacou, durante a audiência pública, o presidente da CT de Grãos da FAEP, José Antonio Borghi.

Defesa do setor

O Brasil já adota o padrão de 14% da umidade desde o início do plantio de soja e a alteração desse teor impactaria no peso dos grãos, conseqüentemente, reduzindo a

renda dos produtores. Além disso, a FAEP argumenta que soja já sai dos portos brasileiros com umidade menor que 13%. Portanto, o padrão atual de 14% não prejudica a competitividade da soja brasileira.

O setor produtivo também defende que a mudança exigiria adaptações para o controle da umidade no processo de armazenamento, que implicam aumentos expressivos nos custos de produção. O agricultor que não possui estrutura de armazenagem e secagem, ao mandar sua carga para a indústria, terá descontos ainda maiores.

Segundo levantamento realizado pela CNA, a mudança traria um prejuízo de pelo menos R\$ 3,5 bilhões aos agricultores, considerando-se apenas o volume de produção da safra atual. O montante equivale a uma quebra de 1,7 bilhão de toneladas de soja. A Confederação diz que está aberta ao diálogo e continuará defendendo a manutenção do teor de umidade da soja de 14% ou uma compensação financeira justa para o produtor rural aceitar a alteração.

Prosperidade da avicultura não chega ao produtor

Mais uma vez, levantamento dos custos de produção revela que setor fechou no vermelho. Conjuntura deve fazer com que apenas médios e grandes prevaleçam



Destaque absoluto no cenário nacional, a avicultura paranaense vem batendo recordes ano a ano. O Estado é líder absoluto na produção, respondendo por 34,5% dos abates – mais do que Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul, juntos. A importância também se reflete no mercado internacional, com a ampliação das vendas à China e abertura de mercado em Israel. Apesar do sucesso da porteira para fora, mais uma vez os custos de produção fizeram com que os avicultores paranaenses fechassem o ano no vermelho. Ou seja, se alguém está ganhando dinheiro no setor, não é o produtor.

Concluído em novembro, o mais recente levantamento dos custos de produção elaborado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR mostra que o saldo sobre o custo total foi negativo em todas as regiões do Paraná. Em alguns polos produtivos, como Chopinzinho, no Sudoeste do Estado, os avicultores não conseguiram cobrir nem os custos variáveis – valores que o produtor dispõe para produzir o lote. De modo geral, energia elétrica e combustíveis foram os itens que mais pesaram sobre a atividade. Para complicar ainda mais a situação, o dinheiro obtido com a venda de cama aviária despencou, contribuindo para o desequilíbrio das contas.

As dificuldades de quem mantém os aviários chegam a impressionar, se colocadas em perspectivas com a pujança da atividade. Entre janeiro e outubro deste ano, a avicultura paranaense movimentou mais de US\$ 3,2 bilhões só com as exportações, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). No mercado interno, o Paraná abateu mais de 3,5 bilhões de toneladas. Para o setor produtivo, a chave para a sustentabilidade da cadeia é a transparência. Hoje, os avicultores colocam seus custos na mesa, mas têm dificuldades de obter os dados da indústria.

Painéis do levantamento

A partir de 2023, a rodada dos painéis de levantamento de custos de produção da avicultura passou a ser segmentada por Cadec. Na pesquisa de novembro, participaram oito Cadecs distribuídas entre os mais importantes polos da avicultura nas regiões Sudoeste, Oeste, Centro-Oeste, Noroeste, Norte e Norte Pioneiro. A pesquisa reuniu produtores rurais integrantes das Cadecs, profissionais das integradoras e outros agentes do setor.

17%

Esse foi o acréscimo nas tarifas de energia elétrica impostas sobre a classe rural e a redução de subsídios para produtores rurais

“As exportações sobem, novos mercados internacionais se abrem e essa prosperidade não chega para o produtor, que acumula saldos negativos. O avicultor não está vendo esse dinheiro”, resume Fábio Mezzadri, técnico do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Não estamos dizendo que a indústria é o vilão. Ela tem custos de estoque, armazenamento e beneficiamento. Mas é preciso ter transparência, para que se chegue a uma remuneração mais justa e que garanta a sustentabilidade da cadeia”, acrescenta.

Segundo Diener Santana, presidente da Comissão Técnica (CT) de Avicultura da FAEP, os números mostrados pela indústria são limitados e, portanto, não são suficientes para entender as condições de remuneração do setor produtivo. “A indústria simplesmente abre um valor quando o operacional está em prejuízo. Mas a cadeia em si, de onde vêm esses números, eles não abrem para os produtores. Na contramão, eles têm na ponta do lápis todo o nosso custo de produção”, relata. “As tentativas de negociação acabam sendo desgastantes para o produtor, que já está em dificuldades, com os custos subindo e as margens cada vez mais apertadas”, complementa Santana.

Mudança de perfil

A tendência é de que essa dinâmica acentue uma mudança na configuração da avicultura estadual, o que já é visível no campo. Com os custos altos e margens apertadas, apenas médios e grandes avicultores devem seguir na atividade, que passam a garantir a rentabilidade a partir do aumento da escala. Também devem se sobressair produtores que se dediquem à avicultura em consórcio com outras atividades – como o cultivo de grãos –, o que permite diluir os custos.

“O que temos visto é a concentração da atividade na mão dos grandes, que conseguem ganhar em escala, que reduzem os custos, por sistemas de energia alternativa ou cultivo das próprias florestas, e que têm condições de acessar financiamentos em melhores condições. O pequeno já está apavorado. Não consegue pôr sistema fotovoltaico, está preso a financiamentos e a essa condição de baixa rentabilidade. A tendência é que a avicultura se torne uma atividade de grandes produtores”, avalia Mezzadri.

É o caso do produtor **Elivelton Antônio Bosi**, de Chopinzinho. Filho de avicultores, o negócio da família está centrado em duas propriedades, com capacidade conjunta de alojar 150 mil aves por lote. Além disso, o negócio também contempla o cultivo de grãos. Mesmo com os custos em alta, Bosi se prepara para expandir os aviários, para ganhar em escala. Mas só os investimentos não bastam. O avicultor profissionalizou a gestão das propriedades. Formado em Administração e com pós-graduações na área de agronegócio, Bosi embasa cada tomada de decisão em estudos do mercado.

“Cada vez mais, o setor exige uma gestão apurada e tecnicizada. Além da formação superior, eu fiz o Programa Empreendedor Rural [PER], tenho consultoria paga e estou antenado no mercado financeiro do setor. Todas as decisões são tomadas em análises concretas. Não tem como aumentar escala ou gerir o negócio sem que se coloque tudo no papel. Tem que pensar nos aviários como uma empresa”, diz Bosi. “Mesmo que as margens sejam apertadas, com porcentagens pequenas, temos que garantir que essa evolução seja constante”, complementa.

Avicultor há 16 anos, Juarez Pompeu destaca um círculo vicioso. Com a defasagem na remuneração dos produtores ante a alta dos custos, os pequenos e/ou quem tem financiamento não conseguem reinvestir no negócio. Sem modernizar os aviários, os avicultores não atingem a eficiência exigida. “Sem os investimentos, as granjas não oferecem as condições que as aves necessitam. A conversão alimentar é menor. Aí, o produtor recebe menos. A indústria quer investimento constante, mas está impossível”, afirma.

Também em Chopinzinho, Pompeu mantém dois aviários, cada um com capacidade média para 13,5 mil aves. Além disso, destina 150 hectares ao cultivo de soja. O produtor diz que dificilmente conseguiria persistir caso se dedicasse apenas à avicultura. Ele menciona fatores que já evidenciam que produtores estão deixando a atividade.

“Já tem revendedores especializados em comprar aviários de produtores que não conseguiram fazer os investimentos e estão abandonando a produção. Compram os equipamentos e revendem”, conta Pompeu. “A avicultura não é uma commodity. Ela se submete à integração. E as indústrias não estão observando as dificuldades dos avicultores. Os produtores que se dedicam só à avicultura dificilmente têm conseguido se manter na atividade. As margens são muito apertadas e os investimentos cobrados são muitos. No meu caso, eu planto soja. Estou colocando aqui e tirando dali. O investimento [na avicultura] está feito. Se eu sair, é pior”, argumenta.



Para Santana, da CT de Avicultura, não é de hoje que o perfil da atividade vem se transformando. Ele explica que, com a exigência de mais tecnologia implantada nos aviários, modais cada vez maiores passaram a ser construídos para aumentar a capacidade de alojamento e diluir os custos – mas isso se aplica aos médios e grandes produtores. “Em um aviário pequeno, a implantação de tecnologia eleva muito o custo por ave, o que inviabiliza a produção. Chega num ponto que a reforma do aviário fica inviável. O produtor acaba apelando para a venda dos equipamentos e, eventualmente, se desliga da atividade”, aponta.

União pelas Cadecs é fundamental

Diante do momento crítico, o presidente da CT de Avicultura da FAEP, Diener Santana, pede que os avicultores se mantenham unidos, principalmente por meio das Cadecs e da própria CT. Ainda que o cenário possa parecer desanimador, o líder rural lembra das conquistas já alcançadas, que só foram possíveis graças à organização e ao fortalecimento da representatividade do setor.

“A indústria está alinhada há muito mais tempo que a gente. É preciso que os produtores tragam suas pautas, façam petições, participem das reuniões, façam valer o suporte técnico e jurídico que temos com a Federação. A cadeira produtiva só terá a ganhar com isso. Só assim seremos ouvidos e teremos sucesso em negociações”, assegura.

Componentes dos custos

Das oito regiões analisadas no levantamento realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, seis apresentaram altas no custo com energia elétrica. A média das regiões representou um aumento de cerca de 20% nesse item, em comparação com o levantamento anterior, realizado em maio.

De acordo com a análise do Sistema FAEP/SENAR-PR, a razão foi o acréscimo de 17% nas tarifas impostas sobre a classe rural e a redução de subsídios para produtores rurais. Como os gastos com energia elétrica na produção avícola são altos, podendo chegar a até 20% do custo de produção, esse aumento causa um impacto significativo nas contas da atividade.

Por outro lado, a venda da cama de aviário, que representa uma alternativa para o equilíbrio das contas, sofreu variações alarmantes. Isso porque o preço da tonelada chegou a cair em mais de 50% em algumas localidades, caso de Cianorte, na região Noroeste do Estado. Em Toledo, no Oeste, a queda foi de 15,4%, e em Dois Vizinhos, no Sudoeste, 14,29%. Nestas regiões, a rentabilidade foi mais afetada.

Em Cianorte, por exemplo, que combinou a queda expressiva do preço da cama de aviário com a altas de mais de 20% na energia elétrica e no diesel, o saldo sobre o custo total despençou em quase todos os modais analisados. O único modal com saldo positivo teve seu lucro reduzido em mais de 40%. “A cama de aviário acompanha a venda de fertilizantes, cujos preços tiveram uma queda expressiva. É representativo, assim como a energia elétrica. Está entre os itens que determinam a renda nos aviários”, avalia Mezzadri, do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR.



“A cama de frango costumava ser um lucro para o avicultor, depois virou necessidade para cobrir as contas. Agora com essa desvalorização no mercado, a situação se agravou”, constata Santana, que também é presidente do Sindicato Rural de Cianorte.

Já em relação à energia elétrica, a conclusão é que os produtores que investiram na geração de energia alternativa, como a fotovoltaica, obtiveram um diferencial na receita. Essa parcela é representada, sobretudo, por médios e grandes avicultores, que possuem condições financeiras de investir nesses sistemas, além de maior facilidade em acessar linhas de crédito com juros menores.

Outro fator que pesa nas contas dos avicultores envolve os gastos com aquecimento, que tem origem nos derivados de madeira. Diferentemente do levantamento anterior, que apontou esse item como os mais onerosos no custo de produção, os resultados de novembro mostraram estabilidade nos preços em algumas regiões, e até mesmo queda, em outras.

Além disso, com um inverno menos rigoroso, os produtores demandaram menos matéria-prima para o aquecimento dos aviários. As compras antecipadas também contribuíram para diminuir a demanda.

No entanto, este cenário não é generalizado. Mais uma vez, o Noroeste sofreu com os preços ainda altos dos derivados de madeira, por ser uma região onde a oferta é reduzida e o frete é caro. Apesar disso, a região, assim como o Sudoeste, é composta por grandes produtores, que possuem maior lastro financeiro e, assim, conseguem equilibrar melhor as contas e continuar realizando investimentos na atividade.

“O pequeno produtor não está capitalizado o suficiente para ter recursos próprios e aumentar a produção. Fica difícil ter aumento de produtividade e rentabilidade na mesma proporção e que compensem os investimentos, que são de alto risco, para atender às exigências da indústria. O que estamos vendo é que o pequeno produtor está com seus dias contados”, reconhece Santana.

“A avicultura não é uma commodity. Ela se submete à integração. E as indústrias não estão observando as dificuldades dos avicultores”

Juarez Pompeu,
avicultor em Chopinzinho



Fábio Mezzadri
Técnico
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

Fatores decisivos na avicultura paranaense

A avicultura de corte paranaense passa por um período de desafios econômicos, sanitários e tecnológicos. Quem não trabalha com eficiência, aderindo a novas tecnologias e buscando reduzir custos, tem encontrado dificuldades para a manutenção da atividade.

Aspectos como mudanças no cenário econômico nacional, guerra na Ucrânia, alta nos custos de produção e baixa rentabilidade têm deixado boa parte dos avicultores receosos em realizar novos investimentos.

Mais uma vez realizado por Cadecs, o levantamento dos custos de produção demonstrou que, na maior parte das regiões avaliadas, a receita com a venda dos frangos foi suficiente para cobrir os custos variáveis, mas não os totais. Os valores da cama de frango para venda caíram, baixando a rentabilidade de muitas granjas, que têm na comercialização deste produto uma importante fonte de receita (muitas vezes, o diferencial entre os saldos positivos e negativos). O fator principal para a queda nos preços da cama de aviário foi o decréscimo nas cotações dos adubos químicos, o que pressiona negativamente o valor deste produto.

A renda e os custos na atividade, conforme demonstra o levantamento, não é homogênea no Paraná. Eficiência produtiva, escala de produção, número de aviários, compras estratégicas de insumos e a produção própria são fatores decisivos, que levam o produtor a trabalhar no vermelho ou obter lucratividade na avicultura de corte.

No levantamento atual, foram identificadas regiões em que nem os custos variáveis estão sendo cobertos, o que inviabiliza a atividade a médio e a longo prazos. Em um cenário econômico desafiador, com demandas interna e externa em crescimento, precisamos, como nunca, que produtores e indústria trabalhem em sinergia, para que o setor avícola continue crescente no Paraná. Uma forte parceria, pensando em ganhos justos para ambos os lados, com transparência na abertura de custos entre produtores e indústria e remunerações condizentes com os custos da atividade, torna-se fundamental neste delicado momento.

Conceitos

Antes de ir aos resultados, é preciso entender algumas definições

CUSTO VARIÁVEL



É o valor que o avicultor precisa ter à disposição para produzir um lote de frangos e para garantir sua manutenção na atividade no curto prazo. São os gastos com mão de obra, energia elétrica, lenha, cama, manutenção, seguro das instalações, combustível, entre outros.

CUSTO OPERACIONAL



É o Custo Variável somado à depreciação de instalações e equipamentos. A depreciação corresponde à perda de valor do aviário ao longo de sua vida útil. O avicultor não desembolsa este valor a cada lote, mas essa reserva é necessária para que ele possa substituir seus ativos e permanecer na atividade no longo prazo.

CUSTO TOTAL



É o Custo Operacional somado à remuneração sobre o capital. O índice serve de parâmetro para calcular o dinheiro investido e desembolsado pelo avicultor a cada lote, caso fosse aplicado na caderneta de poupança (rendimento 6% ao ano).

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR

Modais utilizados no levantamento de custos de produção da avicultura – novembro/2023

Durante o trabalho, foram levantados dados nas seguintes localidades e tipos de aviários*



é um modo diferenciado na produção, que leva apenas cerca de 30 dias até o abate



é o modo convencional na produção no qual o frango leva cerca de 45 dias até o abate

REGIÃO SUDOESTE

Dois Vizinhos

- 100x12m 🏠 1
- 150x16m 🏠 1

Itapejara d'Oeste

- 100x12m 🏠 1
- 100x12m 🏠 1
- 140x14m 🏠 1

REGIÃO OESTE

Toledo

- 150x16m 🏠 2
- 150x16m 🏠 4

REGIÃO CENTRO-OESTE

Campo Mourão

- 150x14m 🏠 2
- 165x18m 🏠 2

REGIÃO NOROESTE

Cianorte

- 150x16m 🏠 2
- 160x16m 🏠 2
- 200x18m 🏠 2

Santo Inácio

- 165x18m 🏠 2

REGIÃO NORTE PIONEIRO

Jacarezinho

- 125x12m 🏠 2
- 140x14m 🏠 2
- 165x18m 🏠 2

REGIÃO NORTE

Jaguapitã

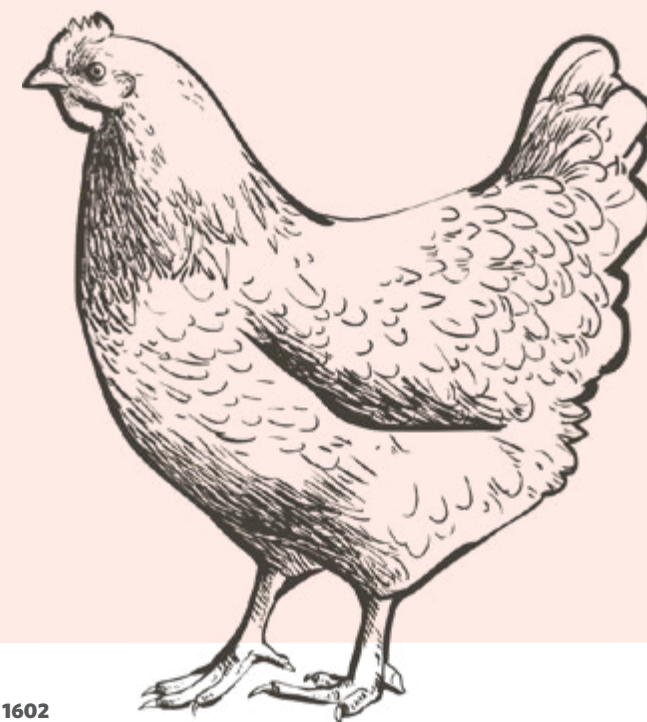
- 165x18m 🏠 2

* Medida(s) do(s) barracão(ões) em metros

🏠 Quantidade de galpões

“A tendência é que a avicultura se torne uma atividade de grandes produtores”

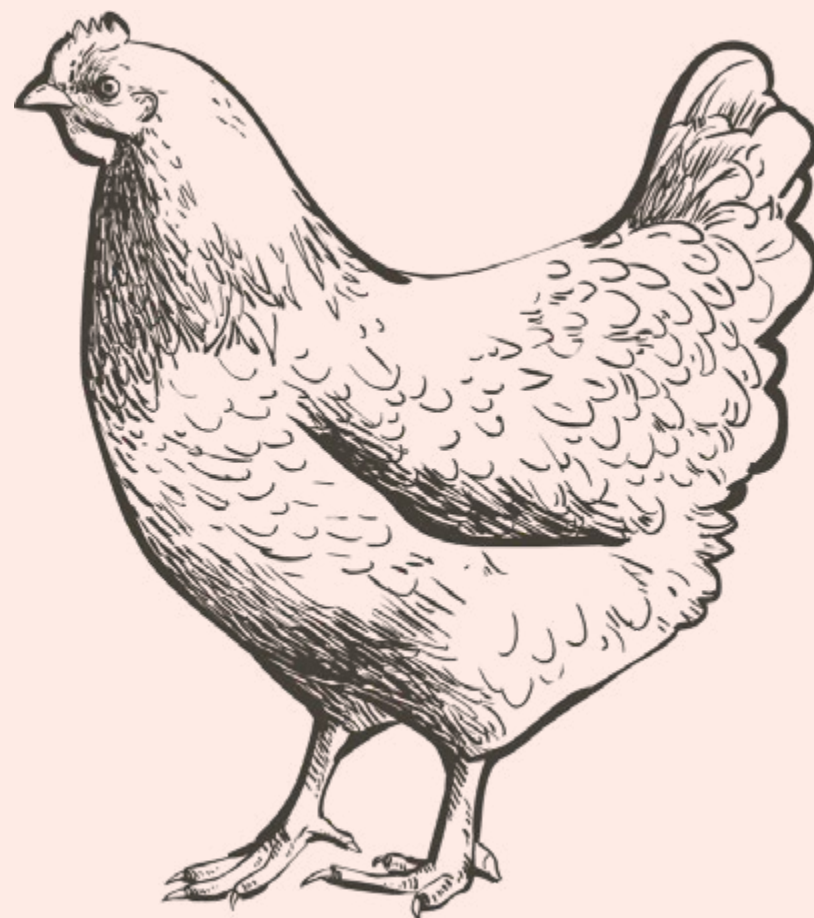
Fábio Mezzadri, técnico do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR



Evolução dos custos e receitas entre maio e novembro de 2023 em alguns modais analisados

Frango *griller* (R\$ por lote/aviário)

REGIÃO SUDOESTE				
DOIS VIZINHOS				
Tamanho (metros)	100x12 [2 galpões]		150x16 [2 galpões]	
Período de comparação	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Lotes/ano	7,82	8,19	7,50	7,85
Quantidades de aves por lote	22.800	22.800	45.000	45.000
DESPESAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Custo Variável	R\$ 12.331,06	R\$ 12.737,25	R\$ 22.325,22	R\$ 23.635,63
Custo Operacional	R\$ 19.151,17	R\$ 19.242,02	R\$ 34.530,01	R\$ 35.280,2
Custo Total	R\$ 22.499,16	R\$ 22.404,09	R\$ 41.167,59	R\$ 41.588,98
RECEITAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Receita Total	R\$ 10.917,36	R\$ 10.750,22	R\$ 21.564	R\$ 21.229,71
RESULTADOS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Saldo sobre custo total	-R\$ 11.581,8	-R\$ 11.653,87	-R\$ 19.603,59	-R\$ 20.359,27



Frango pesado (R\$ por lote/aviário)

REGIÃO OESTE				
TOLEDO				
Tamanho (metros)	150x16 [2 galpões]		150x16 [4 galpões]	
Período de comparação	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Lotes/ano	5,96	5,96	5,96	5,96
Quantidades de aves por lote	68.000	66.000	136.000	132.000
DESPESAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Custo Variável	R\$ 33.339,88	R\$ 33.758,42	R\$ 32.342,58	R\$ 32.854,50
Custo Operacional	R\$ 50.016,83	R\$ 49.474,39	R\$ 47.755,32	R\$ 47.770,86
Custo Total	R\$ 59.058,77	R\$ 58.075,74	R\$ 56.024,17	R\$ 55.773,74
RECEITAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Receita Total	R\$ 39.228,56	R\$ 39.052,75	R\$ 39.226,75	R\$ 39.052,75
RESULTADOS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Saldo sobre custo total	-R\$ 19.830,21	-R\$ 19.022,99	-R\$ 16.797,32	-R\$ 16.720,53



NORTE PIONEIRO						
JACAREZINHO						
Tamanho (metros)	125x12 [2 galpões]		140x14 [2 galpões]		165x18 [2 galpões]	
Período de comparação	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Lotes/ano	8,24	7,51	8,24	7,51	8,24	7,81
Quantidades de aves por lote	48.000	49.500	62.720	64.680	106.920	112.860
DESPESAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Custo Variável	R\$ 14.035,32	R\$ 18.831,50	R\$ 30.681,19	R\$ 23.111,36	R\$ 12.794,05	R\$ 37.585,47
Custo Operacional	R\$ 23.672,66	R\$ 29.600,09	R\$ 42.644,73	R\$ 36.421,10	R\$ 29.322,96	R\$ 55.689,33
Custo Total	R\$ 28.796,82	R\$ 35.337,88	R\$ 49.053,34	R\$ 43.472,93	R\$ 38.061,72	R\$ 65.341,29
RECEITAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Receita Total	R\$ 17.834,47	R\$ 18.091,07	R\$ 23.524,58	R\$ 23.947,28	R\$ 45.330,11	R\$ 51.656,81
RESULTADOS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Saldo sobre custo total	-R\$ 10.962,31	-R\$ 17.246,77	-R\$ 25.528,63	-R\$ 19.525,49	R\$ 7.268,39	R\$ -13.684,48

REGIÃO NOROESTE						
CIANORTE						
Tamanho (metros)	150x16 [2 galpões]		160x16 [2 galpões]		200x18 [2 galpões]	
Período de comparação	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Lotes/ano	5,44	5,59	5,44	5,59	5,44	5,63
Quantidades de aves por lote	63.840	63.840	69.120	69.120	100.800	98.640
DESPESAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Custo Variável	R\$ 29.031,42	R\$ 28.651,25	R\$ 30.438,45	R\$ 29.886,49	R\$ 34.738,01	R\$ 34.360,89
Custo Operacional	R\$ 44.804,95	R\$ 43.429,35	R\$ 46.926,21	R\$ 45.394,96	R\$ 56.516,53	R\$ 54.055,41
Custo Total	R\$ 53.403,33	R\$ 51.346,36	R\$ 56.208,43	R\$ 54.009,01	R\$ 68.756,77	R\$ 65.048,87
RECEITAS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Receita Total	R\$ 49.640,42	R\$ 44.279,59	R\$ 53.406,62	R\$ 47.120,93	R\$ 99.430,72	R\$ 83.229,17
RESULTADOS	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023	Maio 2023	Novembro 2023
Saldo sobre custo total	-R\$ 3.762,82	-R\$ 7.066,68	-R\$ 2.801,73	-R\$ 6.887,97	R\$ 30.674,04	R\$ 18.180,42

* O levantamento completo com todos os modais analisados está disponível pelo QR Code da página 12

Confira os itens que mais sofreram reajuste e impactam no bolso do produtor entre maio e novembro de 2023

DOIS VIZINHOS (REGIÃO SUDOESTE)			
Itens	Maio 2023	Novembro 2023	Variação
Contabilidade (lote)	78,00	98,00	+42,86%
Gasolina (R\$/litro)	5,15	6,00	+16,5%
Energia elétrica (R\$/KWh)	0,480	0,550	+14,58%
Óleo diesel (R\$/litro)	5,44	6,10	+12,13%
Gás (botijão de 13 kg)	115,00	110,00	-4,35%
Lenha (R\$/m³)	125,00	120,00	-4%
Pellet (R\$/t)	1.300,00	1.150,00	-11,54%

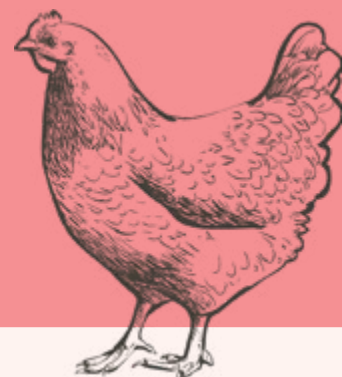
JACAREZINHO (REGIÃO NORTE PIONEIRO)			
Itens	Maio 2023	Novembro 2023	Variação
Óleo diesel (R\$/litro)	5,16	6,34	+27,4%
Horas trator (R\$/hora)	160,00	190,00	+18,8%
Gasolina (R\$/litro)	5,35	6,34	+18,4%
Cal (R\$/kg)	0,81	0,85	+5,6%
Pellet (R\$/t)	1.220,00	1.250,00	+2,5%
Energia elétrica (R\$/KWh)	0,66	0,62	-5,4%
Gás (botijão de 13 kg)	115,00	105,00	-8,7%

TOLEDO (REGIÃO OESTE)			
Itens	Maio 2023	Novembro 2023	Variação
Energia elétrica (R\$/KWh)	0,570	0,667	+17%
Gasolina (R\$/litro)	5,00	5,50	+10%
Lenha (R\$/m³)	140,00	150,00	+7,1%
Óleo diesel (R\$/litro)	5,50	5,85	+6,4%
Pellet (R\$/t)	1.250,00	1.250,00	-
Papel para pinteira (R\$/kg)	8,00	8,00	-
Cal (R\$/kg)	4,89	5,07	-
Gás (botijão de 13 kg)	115,00	95,00	-17,4%

CIANORTE (REGIÃO NOROESTE)			
Itens	Maio 2023	Novembro 2023	Variação
Óleo diesel (R\$/litro)	4,890	5,950	+21,7%
Energia elétrica (R\$/KWh)	0,550	0,667	+21,3%
Palha de arroz (R\$/t)	650,00	700,00	+7,7%
Gás a granel (R\$/kg)	6,43	6,76	+5,1%
Horas trator (R\$/hora)	180,00	180,00	-
Gasolina (R\$/litro)	5,890	5,790	-1,7%
Briquet (R\$/t)	855,00	810,00	-5,3%
Gás (botijão de 13 kg)	8,85	8,46	-4,4%
Lenha (R\$/m³)	200,00	180,00	-10%

JAGUPITÃ (REGIÃO NORTE)			
Itens	Maio 2023	Novembro 2023	Variação
Energia elétrica (R\$/KWh)	0,568	0,668	+17,6%
Gasolina (R\$/litro)	5,30	5,90	+11,3%
Cal (R\$/kg)	0,70	0,75	+7,1%
Horas trator (R\$/hora)	200,00	200,00	-
Energia elétrica (R\$/KWh)	0,568	0,668	-6,3%
Maravalha (R\$/m³)	118,00	110,00	-6,8%
Óleo diesel (litros)	6,54	6,00	-8,3%
Gás (botijão de 13 kg)	130,00	110,00	-15,4%
Limpeza do aviário (diárias)	120,00	100,00	-16,7%
Papel para pinteira (R\$/kg)	11,50	8,00	-30,4%
Lenha (R\$/m³)	280,00	160,00	-42,9%

Variação no preço da cama de aviário (R\$/t)			
Cidades/Regiões	Maio 2023	Novembro 2023	Variação
Dois Vizinhos (Sudoeste)	70,00	60,00	-14,29%
Toledo (Oeste)	130,00	110,00	-15,4%
Cianorte (Noroeste)	195,00	95,00	-51,3%
Itapejara D'Oeste (Sudoeste)	75,00	75,00	-
Campo Mourão (Centro-Oeste)	180,00	180,00	-



Planilhas

Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da avicultura do Sistema FAEP/SENAR-PR, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code ao lado.



Suínocultura segue queimando gordura

Apesar de melhoras tímidas em 2023, produtores continuam freando investimentos para fechar as contas. Mercado externo não trouxe alento ao setor

Os produtores de suínos do Paraná seguiram firmes, ao longo de 2023, em uma caminhada rumo à saída da crise que assola a cadeia desde 2021. Mesmo com a melhoria no valor do animal pago pelas empresas integradoras, o resultado ainda está longe de ser lucrativo para os pecuaristas. Para se manter na atividade, suinocultores precisam queimar gordura, segurar investimentos e até deixar de fazer algumas manutenções na propriedade para fechar as contas. Este cenário está detalhado no levantamento dos custos de produção da suinocultura, realizado pela Sistema FAEP/SENAR-PR, em novembro.

“O levantamento de custos de produção tem uma série histórica com mais de 12 anos de dados. Nós investimos sistematicamente nisso porque conhecer quanto custa produzir faz parte da gestão de qualquer propriedade rural. Esses números são cruciais para a tomada de decisão, avalia-

ção da saúde do negócio e para subsidiar as negociações a nível de Comissão para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração [Cadec]”, sinaliza o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Para a presidente da Comissão Técnica (CT) de Suinocultura da FAEP, Deborah Gerda de Geus, o ano de 2023 começou preocupante e termina “menos pior”. Apesar da reação nos repasses aos suinocultores, o cenário ainda traz apreensão, na visão de Deborah, pois a maioria das granjas está com as contas no vermelho. “O setor segue em alerta, pois existem especulações de que os grãos podem subir, dependendo do resultado da próxima safra. E temos ainda outras questões, como o gargalo histórico da falta de mão de obra, os altos custos com energia, a economia do país que segue com demanda em baixa e a conjuntura internacional”, resume a dirigente.

“Esses números são cruciais para a tomada de decisão, avaliação da saúde do negócio e para subsidiar as negociações a nível de Cadec”

Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR

Levantamento foca relações de integração

Para calcular os custos de produção da suinocultura, o Sistema FAEP/SENAR-PR promove duas reuniões por ano com suinocultores, revendas de insumos, representantes da agroindústria, instituições financeiras e demais agentes do setor, nas principais regiões produtoras do Estado. Nestes encontros ocorre a apuração dos custos de uma propriedade modal, ou seja, tipo de propriedade que mais se repete naquela região, de modo a compor o retrato mais fiel daquela realidade produtiva.

Pela segunda vez em 12 anos, esses painéis foram realizados de forma exclusiva com os membros das Cadecs, formalizadas junto a cada unidade produtiva das empresas integradoras. Os produtores independentes e cooperados não fazem mais parte deste levantamento.

O principal benefício do levantamento dos custos de produção é a possibilidade de municiar os produtores integrados com dados econômicos reais sobre a atividade para futuras negociações junto às integradoras, que ocorrem por meio das Cadecs.

Segundo o produtor Gilberto Rentz, que aloja 2,7 mil suínos na fase de crechário em Pirai do Sul, nos Campos Gerais, e integrante da Cadec formada junto à agroindústria da região, o trabalho realizado pela FAEP traz vantagens na hora da negociação. “A gente leva estes custos para serem discutidos com a integradora. É um embasamento importante que ajuda na argumentação, sem ser impositivo”, destaca.

Terminação como pior resultado

Dentre as fases produtivas analisadas (confira os dados do levantamento de custos nas páginas 19 a 21), a terminação registrou os piores resultados para o saldo sobre o custo total de produção. Na região Oeste, o produtor integrado contabiliza prejuízo de R\$ 24,15 por suíno terminado. Os integrados nos Campos Gerais também amargam rombo de R\$ 20,46 por cabeça.

Em Toledo, no Oeste, o valor recebido por suíno cobre apenas os custos variáveis, o que reflete diretamente na continuidade do produtor na atividade a longo prazo. Essa é a situação da pecuarista Geni Bamberg, que aloja 1,7 mil animais no sistema de terminação em uma propriedade de cinco hectares.

“Para nós, foi um ano positivo porque houve melhorias, conseguimos reajustes na remuneração junto à integradora a nível de Cadec”, avalia Geni. “Mas ainda seguimos com dificuldades. Temos que deixar de lado até mesmo algumas manutenções menos urgentes, como a trocas de equipamentos que vamos remendando, sem fazer benfeitoria na estrutura”, relata a produtora.

Geni encontra problemas para gerenciar a mão de obra, um dos principais gargalos enfrentado pelos suinocultores. Ela não consegue contratar um funcionário fixo e precisa recorrer a diaristas – disputados na região e nem sempre com disponibilidade. Diante deste cenário, Geni e o marido realizam as atividades na propriedade. “A gente precisaria ampliar a granja, para ter remuneração melhor e poder dividir com algum colaborador fixo, ou ainda atrair uma das nossas duas filhas que poderiam terminar os estudos e se interessar em voltar para a granja. Mas, nesse momento, não há viabilidade econômica para isso”, lamenta Geni.

Segundo o suinocultor Paulo Moresco, de Ipiranga, na região dos Campos Gerais, as dificuldades encontradas na atividade são ainda piores para quem está há mais tempo na atividade. “Hoje, o produtor antigo não tem condição de melhorar sua infraestrutura, fazer as reformas necessárias e adquirir novos equipamentos. Quando entram novas tecnologias, ele não consegue acompanhar”, observa.

Há 23 anos na atividade, Moresco aloja 1,8 mil suínos em fase de terminação. “Minhas estruturas ficaram velhas, tenho que me atualizar”, afirma o produtor, que investiu cerca de R\$ 120 mil para automatizar suas granjas e, assim, reduzir a necessidade de mão de obra. “Mas para os produtores pequenos, sem escala, é inviável fazer melhorias como essas nas granjas”, avalia.

Prejuízo ainda dá o tom

O resultado dos produtores está alinhado com os números do levantamento de custos de novembro, que mostram, de modo geral, um saldo insuficiente com a venda dos lotes para cobrir os custos de produção. Dentre todas as fases e regiões analisadas, nenhum modal produtivo obteve saldo acima dos custos totais e apenas a UPD nos Campos Gerais conseguiu cobrir os custos operacionais.

“Hoje, a suinocultura integrada expressa inviabilidade produtiva e, a curto e médio prazos, o produtor que não tiver reservas ou outras fontes de renda para cobrir os prejuízos tende a deixar a atividade”, analisa Nicolle Wislek, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR, responsável por acompanhar a cadeia de suínos.

Apesar das perspectivas negativas, a atividade apresentou melhoria em 2023 em relação aos anos anteriores. A produção entre janeiro e setembro foi 1,9% maior em relação ao mesmo período de 2022. No mesmo movimento, as exportações de suínos tiveram aumento de 8% entre janeiro e outubro. “Durante a realização dos painéis identificamos alguns sinais de recuperação da atividade, como, por exemplo, aumento no número de fêmeas alojadas nas granjas, diminuição no tempo de intervalo de lotes e, principalmente, retomada no peso de abate padrão”, relata Nicolle.

Crise nos leitões

Ricardo Adams, de Toledo, na região Oeste, aloja 10,3 mil animais em três barracões, no sistema crechário. A propriedade possui cinco funcionários, número que Adams considera o mínimo para garantir os índices zootécnicos satisfatórios.

Em 2023, os negócios melhoraram, mas os repasses ainda precisam de reajustes para as contas ficarem no azul. “Ainda precisa de cautela para fazer investimento e melhorar a propriedade. Estamos envolvidos na Cadec e há negociações para conseguirmos melhorias”, aponta o suinocultor.

Diante da preocupação com o andamento da safra de grãos, o pecuarista espera que 2024 siga o ritmo de otimismo. “Se continuar estáveis os valores da soja e do milho, o custo de produção vai baixar e melhora para o suinocultor. Mas o fato preocupante é a escassez de chuva no Mato Grosso, que pode afetar a produção de grãos em 2024, atingindo em cheio o custo de produção, levando os resultados a patamares negativos”, resume Adams.

A situação está parecida na propriedade de Eloi Favero, em Toledo, que mantém 800 matrizes em uma Unidade Produtora de Leitões (UPD), com um total de seis funcionários. Para o pecuarista, 2023 foi um ano de avanços, mas as contas ainda não estão fechando. “Deu uma pequena recuperada, mas nada de extraordinário”, resume. “O mercado ainda está se equilibrando e temos uma oferta alta. Além disso, ainda não estamos conseguindo vender para novos mercados mesmo com o reconhecimento do Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação”, problematiza.

Exportações em queda

De janeiro a junho deste ano, o Brasil enviou ao exterior 791,5 mil toneladas de carne suína, conforme números da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do De-

senvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). As projeções de mercado apontam para um acréscimo de 10% em volume de janeiro a dezembro de 2023, em comparação com o período equivalente do ano anterior.

De acordo com dados da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), 55% das exportações brasileiras tinham destino à China em 2021. Esse percentual caiu para 36% em 2023, diante da recuperação da crise interna causada pela epidemia de Peste Suína Africana (PSA) em seu rebanho. Ainda, os resultados econômicos menores do que os esperados desaceleraram as compras chinesas de uma série de produtos, como a carne suína.

Na avaliação do vice-presidente da CT de Suinocultura da FAEP, Wienfried Matthias Leh, que atua no regime de produção independente, existe um excedente na produção mundial, que acaba por derrubar as margens dos produtores. “A partir de 2018, do primeiro surto de PSA, a China saiu comprando e pagando caro pelo suíno. Isso criou uma confusão no mercado mundial. O mundo, preocupado em suprir o mercado chinês, produziu acima da necessidade”, analisa.

Segundo Leh, enquanto não conseguirmos regular essa oferta, “vai continuar esse sofrimento”. Na avaliação do suinocultor, nem mesmo o status de área livre de febre aftosa sem vacinação, conquistado pelo Paraná em 2021, é capaz de amenizar o problema. “Não basta ter status sanitário e menor custo de produção do mundo para ter o mercado [internacional] na mão. Existe um protecionismo, barreiras tarifárias que não permitem que nós sejamos fornecedores exclusivos”, explica.



Energia solar ajuda a reduzir custos

Historicamente, a energia elétrica é um custo que mais pesa no bolso dos produtores de suínos. Com o incentivo para o uso de fontes de energia renovável dentro das propriedades, com participação direta nas reivindicações do Sistema FAEP/SENAR-PR junto ao poder público, parte dos pecuaristas está investindo em projetos de geração de energia fotovoltaica. De 2017 a 2023, o número de propriedades rurais paranaenses que passou a contar com esse sistema ou com usinas de biogás decolou de apenas 47 para mais de 25,6 mil. Uma parte do sucesso envolve o Programa Paraná Energia Rural Renovável (Renova Paraná), lançado em julho de 2021, que impulsionou a instalação de conjuntos de painéis fotovoltaicos e de biodigestores no campo.

Desde julho deste ano, Geni Bamberg colocou em funcionamento um conjunto capaz de gerar, por meio do sol, 1,2 mil kW/h por mês na propriedade. A benfeitoria custou R\$ 50 mil, por meio do financiamento do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf) e do Renova Paraná, a juro zero. “Vamos pagar a primeira prestação somente em 2025. Antes, a conta dava R\$ 500 por mês e agora pagamos R\$ 20 de tarifa. Bem acessível para quitar as parcelas. Um excelente negócio”, compartilha.

A presidente da CT de suinocultura, Deborah Gerda de Geus, revela que muitos suinocultores pelo Estado têm seguido esse mesmo caminho. “Temos um movimento de investimentos em painéis de energia fotovoltaica. Os produtores estão visando ter uma fonte de renda no médio e longo prazos, para colher os frutos daqui seis ou sete anos”, avalia.



Por Nicole Wilsek
Técnica
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

A ilusão da integração

O ano de 2023 iniciou com significativa queda nos preços de soja e milho, decorrente da safra altamente produtiva, preços internacionais em queda e recuo do dólar. Essa conjuntura fez com que o custo de produção para os suinocultores tivesse retração, melhorando, apenas no segundo semestre, as margens que vinham no vermelho havia três anos. O momento de crise na suinocultura é evidente, porém com notáveis sinais de recuperação. Observamos que na maior parte dos modelos analisados houve melhoria nos saldos dos custos produtivos, porém todos com resultados negativos no custo final.

Os resultados se resumem em um suinocultor sem dinheiro para capital de giro, com aumento significativo em custos variáveis e somado à depreciação da propriedade – esta sem manutenções e possibilidade de investimentos. Esse retrato é o clássico cenário da integração de suínos no Brasil.

Há anos, o Sistema FAEP/SENAR PR apresenta esse resultado, e não se vê mudança de conduta nas agroindústrias. As multinacionais conquistam novos integrados com conceitos de que a integração é a melhor realidade produtiva. Com pagamentos que cobrem apenas as despesas mensais, ou seja, os custos variáveis de cada lote, iludem o produtor que a rentabilidade está favorável. Porém, quando as contas começam a aparecer no papel, o integrado percebe que não consegue manter caixa, e a sua propriedade está cada vez mais depreciada, sem condições financeiras para manutenções, ampliação e reformas. Hoje, a suinocultura integrada expressa inviabilidade produtiva e, a curto e médio prazos, o produtor que não tiver reservas ou outra atividade para cobrir os prejuízos, tende a deixar a atividade.

Conceitos

Antes de ir aos resultados, é preciso entender algumas definições

► CUSTO VARIÁVEL



Aquele que varia de acordo com o nível de produção da atividade. São considerados os desembolsos diretos do produtor e representam os itens de maior impacto na formação dos custos.

► CUSTO FIXO



Ocorre independentemente da produção. Para a suinocultura, são considerados os custos com a depreciação de máquinas, equipamentos e edificações e, ainda, a remuneração do capital investido na atividade.

► CUSTO OPERACIONAL



Soma dos custos variáveis e depreciação.

► CUSTO TOTAL



Soma dos custos variáveis e fixos. O custo operacional não compõe essa soma.

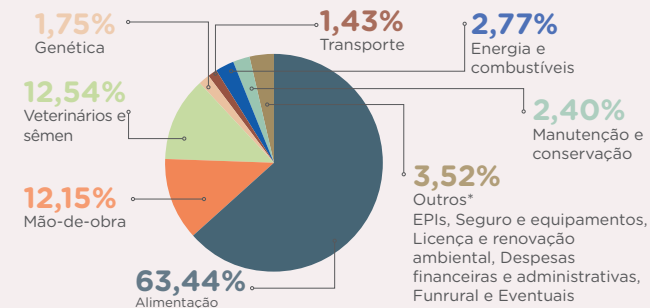
Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR

Composição dos custos

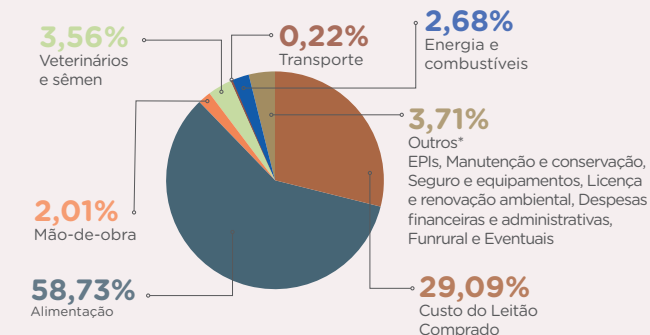
Veja como os custos variáveis são formados e o peso de cada item nas contas do suinocultor

OESTE

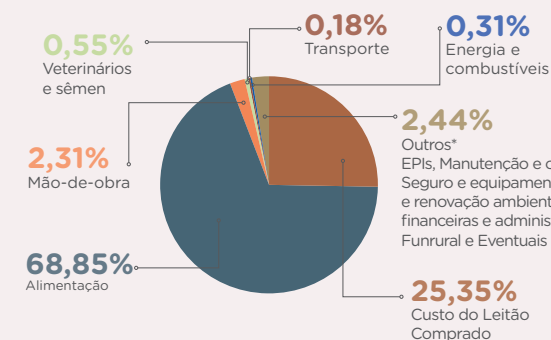
UPD EMPRESA A



CRECHÁRIO EMPRESA A

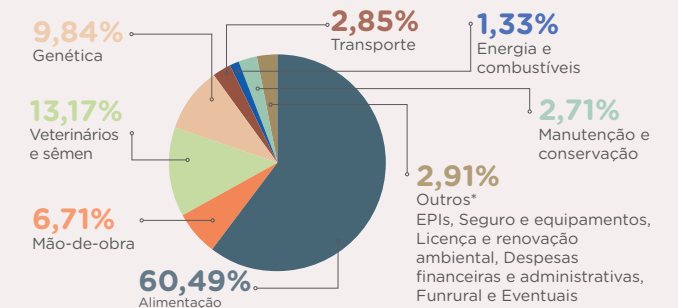


UPT EMPRESA A

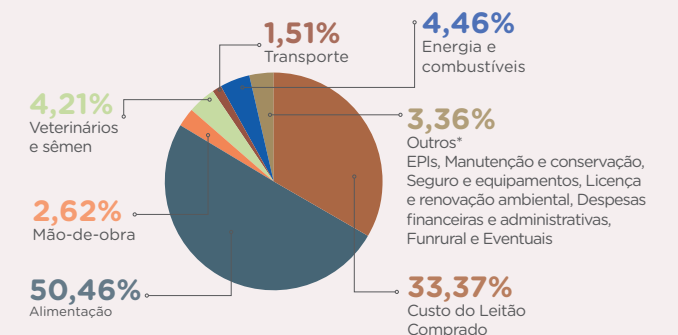


CAMPOS GERAIS

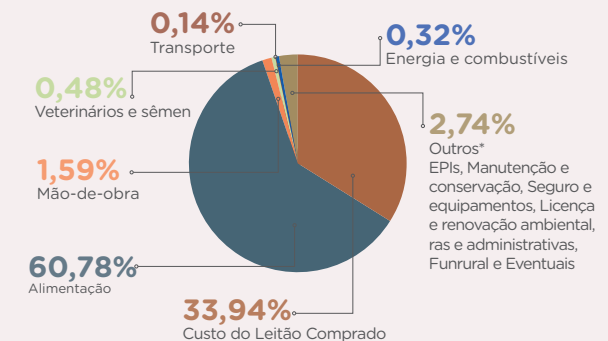
UPD EMPRESA B



CRECHÁRIO EMPRESA B



UPT EMPRESA B



UPD

Custos/Saldos (em reais)	OESTE							
	mai/21	nov/21	mai/22	nov/22	mai/23	nov/23	Var. (%) nov/22 e nov/23	Var. (%) mai/23 e nov/23
Custos variáveis	28,61	29,69	33,19	28,15	34,93	36,71	30,44	5,12
Custos fixo	17,60	17,84	23,73	24,26	27,34	24,44	0,74	-10,64
Custo total	46,21	47,53	56,92	52,40	62,27	61,15	16,69	-1,80
Custo operacional	41,68	42,01	48,27	43,57	50,93	52,41	20,30	2,92
Preço do leitão	33,80	36,47	38,68	38,87	40,89	41,95	7,92	2,59
Saldo/Custos variáveis	4,62	6,78	6,28	10,72	5,96	5,24	-51,14	-12,08
Saldo/Custo operacional	-8,81	-5,54	-8,80	-4,70	-10,04	-10,46	122,58	4,18
Saldo/Custo total	-13,80	-11,06	-17,45	-13,53	-21,38	-19,20	41,88	-10,20

CRECHÁRIO

Custos/Saldos (em reais)	CAMPOS GERAIS		
	mai/23	nov/23	Var. (%) mai/23 e nov/23
Custos variáveis	16,78	16,08	-4,19
Custos fixo	10,13	9,59	-5,26
Custo total	26,91	25,67	-4,59
Custo operacional	23,03	22,00	-4,48
Preço do leitão	10,50	11,02	4,95
Saldo/Custos variáveis	-6,28	-5,06	-19,47
Saldo/Custo operacional	-12,53	-10,98	-12,38
Saldo/Custo total	-16,41	-14,65	-10,70

UPD

Custos/Saldos (em reais)	CAMPOS GERAIS
	nov/23
Custos variáveis	20,69
Custo fixo	31,28
Custo total	51,97
Custo Operacional	36,82
Preço do leitão	50,00
Saldo/Custos variáveis	29,31
Saldo/Custo operacional	13,18
Saldo/Custo total	-1,97

CRECHÁRIO

Custos/Saldos (em reais)	OESTE
	nov/23
Custos variáveis	7,00
Custo fixo	6,72
Custo total	13,72
Custo Operacional	11,40
Preço do leitão	9,18
Saldo/Custos variáveis	2,18
Saldo/Custo operacional	-2,22
Saldo/Custo total	-4,54

Planilhas

Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da suinocultura do Sistema FAEP/SENAR-PR, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code abaixo.



TERMINAÇÃO

Custos/Saldos (em reais)	OESTE						
	nov/21	mai/22	nov/22	mai/23	nov/23	Var. (%) nov/22 e nov/23	Var. (%) mai/23 e nov/23
Peso venda (kg) / animais por lote	135/1200	-	130/1200	132/1200	132/1200	-	-
Custos variáveis	34,79	-	42,27	35,84	35,20	-16,72	-1,80
Custos fixo	32,93	-	43,01	38,20	30,95	-28,05	-18,99
Custo total	67,71	-	85,28	74,05	66,15	-22,43	-10,67
Custo operacional	54,93	-	65,54	58,73	53,94	-17,70	-8,15
R\$ recebido / cb (por produtor em R\$)	33,00	-	33,00	39,00	42,00	27,27	7,69
R\$ Kg suíno vivo	6,50	-	6,50	6,35	6,12	-5,85	-3,62
Valor por animal	877,50	-	845,00	838,20	807,84	-4,40	-3,62
Saldo/Custos variáveis	-1,79	-	-9,27	3,16	6,80	-173,39	115,49
Saldo/Custo operacional	-21,93	-	-32,54	-19,73	-11,94	-63,30	-39,47
Saldo/Custo total	-34,71	-	-52,28	-35,05	-24,15	-53,81	-31,10

TERMINAÇÃO

Custos/Saldos (em reais)	CAMPOS GERAIS						
	nov/21	mai/22	nov/22	mai/23	nov/23	Var. (%) nov/22 e nov/23	Var. (%) mai/23 e nov/23
Peso venda (kg) / animais por lote	130/1900	-	128/1200	128/1200	130/1320	-	-
Custos variáveis	31,27	-	36,21	24,31	26,44	-27,00	8,73
Custos fixo	26,30	-	35,33	28,42	28,42	-19,56	0,00
Custo total	57,57	-	71,55	52,71	54,86	-23,32	4,07
Custo operacional	46,98	-	55,33	39,99	42,14	-23,84	5,37
R\$ recebido / cb (por produtor em R\$)	33,00	-	31,36	32,5	34,45	9,85	6,00
R\$ Kg suíno vivo	6,50	-	6,50	6,35	6,10	-6,15	-3,94
Valor por animal	832,5	-	832,00	825,50	793,00	-4,69	-3,94
Saldo/Custos variáveis	1,732	-	-4,85	8,21	8,01	-265,10	-2,38
Saldo/Custo operacional	-13,98	-	-23,97	-7,49	-7,69	-67,92	2,60
Saldo/Custo total	-24,57	-	-40,19	-20,21	-20,46	-49,09	1,22



Máquina agrícola sem limpeza adequada não pode entrar no Paraná

Medida visa impedir o ingresso de pragas e plantas daninhas. Fiscalização é feita em postos da Adapar nas divisas do Estado

Desde o início de dezembro, a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) intensificou as ações de fiscalização e vistoria a máquinas e implementos agrícolas que entram no Estado. O maquinário que não estiver com todos os compartimentos limpos adequadamente não poderá cruzar as divisas do Paraná. A medida tem por objetivo evitar a entrada de pragas e plantas daninhas, que podem ser conduzidas em colhedoras e outros equipamentos, caso não sejam limpos adequadamente.

As inspeções ocorrem em todos os Postos de Fiscalização de Trânsito Agropecuário (PFTAs) da Adapar, situados nas divisas do Paraná com outros Estados. Segundo o coordenador do Programa de Certificação, Rastreabilidade e Epidemiologia Vegetal da agência, Juliano Farinazzo Galhardo, os fiscais fazem a inspeção visual do maquinário, a fim de constatar as condições de limpeza. Caso as máquinas e implementos não

estejam devidamente limpos, a entrada será “rechaçada” – ou seja, os veículos não poderão entrar no Estado.

“Caso não estejam limpas, as máquinas serão impedidas de entrar no Paraná, sendo feito o seu rechaço. Assim, elas deverão retornar, passar por limpeza adequada, e só então sua entrada será autorizada”, explica Galhardo. “Esse procedimento é adotado objetivando proteger a nossa agricultura, pois os restos culturais e solo aderidos às máquinas que vêm de outros Estados podem trazer pragas, como nematoides e sementes de plantas daninhas, capazes de provocar sérios danos à agricultura paranaense”, detalha.

A ação tem apoio direto do SENAR-PR, que desenvolveu um procedimento de limpeza de colhedoras e outros implementos. Com base nisso, a entidade promoveu dois treinamentos a técnicos da Adapar, para que estejam aptos a inspecionar os maquiná-

rios e identificar quando estão adequadamente limpos, sem risco de trazer pragas e plantas daninhas ao Estado. No total, 30 servidores da agência estadual foram capacitados, entre 27 de novembro e 1º de dezembro, na concessionária New Agro, em Londrina, no Norte do Paraná, com apoio do sindicato rural do município.

“É um processo inédito, desenvolvido em conjunto com nossos instrutores do SENAR-PR. Fizemos visitas a campo para entender a extensão do problema, definir os parâmetros de uma máquina considerada contaminada e que pode oferecer riscos à agricultura do Estado. Com isso, definimos um processo eficaz de limpeza de todos os compartimentos, usando ar comprimido ou soprador”, aponta Jocelito Cruz, técnico do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

No treinamento, a New Agro disponibilizou diferentes modelos de colhedoras e implementos agrícolas, dando a possibilidade de os participantes entenderem os conceitos aplicados em tipos variados de equipamentos.

“Os técnicos puderam, na prática, verificar uma máquina limpa, o acúmulo de resíduos e quando esse acúmulo pode causar contaminação. Quando as máquinas chegam aos postos da Adapar, os técnicos têm condições de fazer essa inspeção de forma assertiva”, destaca Cruz.

30

servidores da Adapar estão aptos a inspecionar os maquinários que entram no Paraná

“Definimos os parâmetros de uma máquina considerada contaminada e que pode oferecer riscos à agricultura do Estado”

Jocelito Cruz, técnico do Detec do Sistema FAEP/SENAR-PR

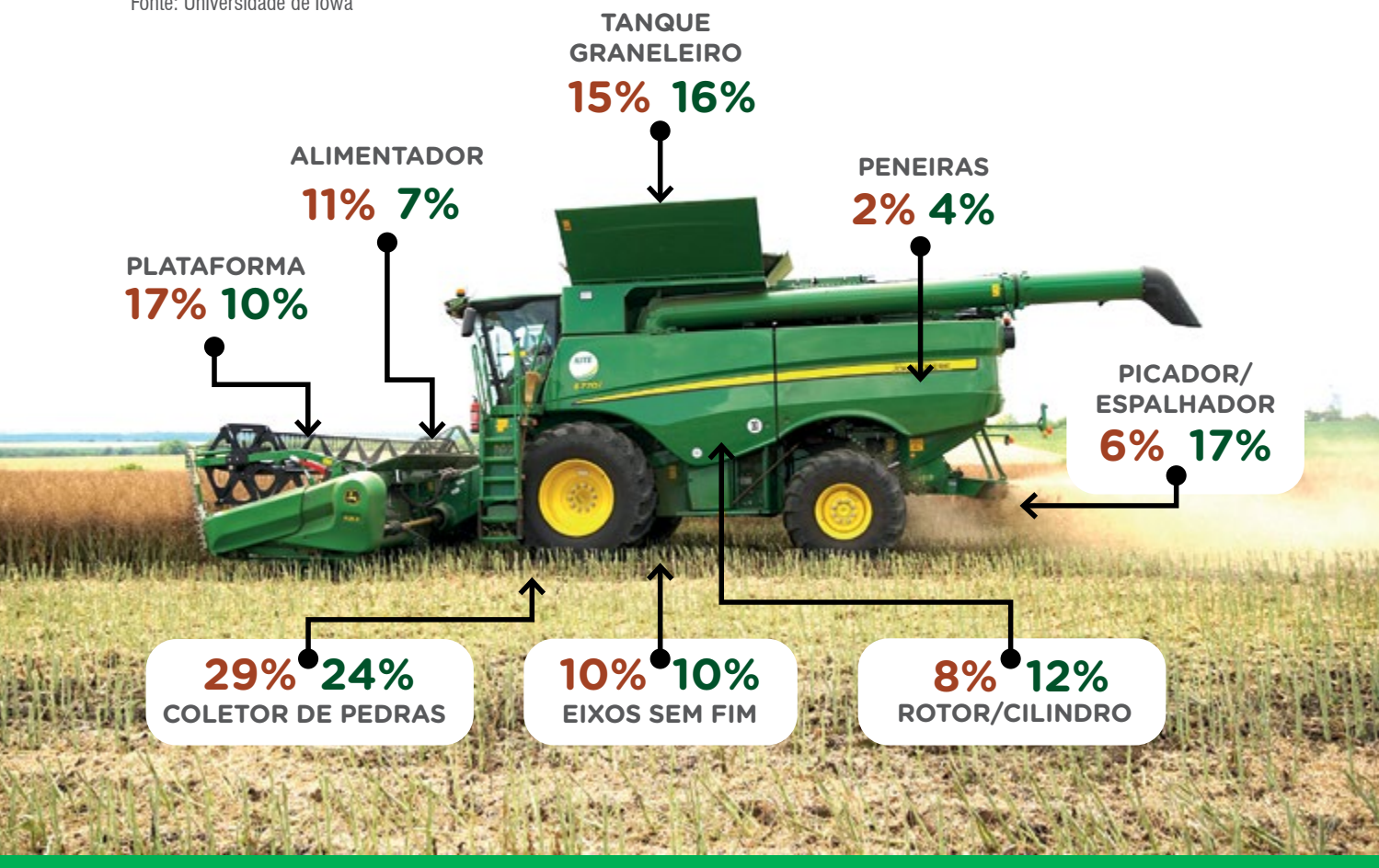


Pontos de atenção

Veja os percentuais de acúmulo de sementes, restos culturais e de solo, em cada componente da colheitadeira

MILHO **SOJA**

Fonte: Universidade de Iowa



Ação preventiva

Além da intensificação da fiscalização, a Adapar também adotou uma ação preventiva de orientação. Quando as máquinas agrícolas passam pelos PFTAs, saindo do Paraná com direção a outros Estados, os transportadores são informados da necessidade de os equipamentos estarem completamente limpos quando retornarem ao território paranaense. Para reforçar essa iniciativa, o SENAR-PR vai produzir uma cartilha explicando como deve ser feita a limpeza do maquinário. Além disso, o protocolo de limpeza desenvolvido pelo SENAR-PR deve ser incluído como módulo extra nos cursos de colhedora de grãos, já ofertados pela entidade.

“A expectativa é que a Adapar e o SENAR-PR façam trabalhos de orientação e divulgação durante o Show Rural, que deve ocorrer em fevereiro, em Cascavel”, diz Farinazzo Galhardo.

Risco

O trânsito entre máquinas agrícolas entre Estados não é raro. O caso mais recorrente é o de prestadores de serviços – os chamados prancheiros –, que são contratados para fazer colheita de grãos ou que alugam seu maquinário a agricultores. Também há casos de produtores com propriedades rurais em diferentes Estados e que transportam os implementos em época de colheita.

Recentemente, a Adapar acendeu um alerta em relação ao caruru-palmeri (*Amaranthus palmeri*), planta daninha que ainda não está presente nas lavouras do Paraná, mas que já foi identificada com incidência preocupante em outros Estados, como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A praga tem crescimento rápido e é extremamente agressiva: segundo a Embrapa, uma única planta pode dar origem a mais de 100 mil sementes, em condições ideais de crescimento, facilitando a disseminação. Além disso, a planta daninha é resistente a herbicidas.

NOTAS

Personalidade do ano

O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, foi escolhido como Personalidade do Ano no Prêmio Orgulho da Terra 2023, realizado em 30 de novembro pelo Grupo RIC. Em agradecimento, Meneguette destacou a importância dos milhares de produtores e produtoras rurais do Estado, que representam o trabalho e esforço diário do setor agropecuário do Paraná para produzir alimentos para o Brasil e o mundo. A premiação é um reconhecimento pelas décadas de dedicação de Meneguette à frente do Sistema FAEP/SENAR-PR. Na foto, a diretora-técnica da entidade, Débora Grimm, repassando o troféu à Meneguette.



Sistema FAEP/SENAR-PR na COP 28

A diretora de ESG do Sistema FAEP/SENAR-PR, Fabiana Campos Romanelli, participou da 28ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP28), que aconteceu entre os dias 30 de novembro e 12 de dezembro, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. No dia 5 de dezembro, Fabiana compôs a mesa do painel para debater a como inovação e as novas tecnologias estão impulsionando o agronegócio sustentável, no Pavilhão Brasil, ao lado de Alessandro Cruvinel, diretor do departamento de apoio à inovação agropecuária do Mapa; Leonardo Carvalho, diretor de estratégia global da Solinftec; da produtora rural Ana Carolina Zimmermann; e de Eduardo Bastos, coordenador de sustentabilidade da Abag.



Segurança no meio rural

O Sindicato Rural de Mandaguaçu, representado pelo presidente Francisco Carlos do Nascimento, e os produtores rurais da região realizaram, no dia 15 de dezembro, na sede da Associação Comercial e Industrial de Paiçandu (ACP) a entrega de fuzis com bandoleira, lanternas e aparelho de pontaria (mira) aos policiais do 4º Batalhão da Polícia Militar. A iniciativa colabora para fortalecer a segurança no meio rural da região.



Seguro Rural em 2024

Todos os recursos previstos para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) em 2024 deverão ser, integralmente, destinados a essa finalidade. Essa garantia foi conquistada por meio de emenda à Lei de Diretrizes Orçamentária, apresentada pelo deputado federal Sergio Souza, que integra a Frente Parlamentar Agropecuária. Com isso, os valores do PSR não poderão ser suprimidos. O Projeto de Lei Orçamentária Anual prevê a destinação de R\$ 1 bilhão ao seguro rural.

O homem que aproximou os brasileiros da alma do Brasil



Luís da Câmara Cascudo dedicou a vida à pesquisa e publicou mais de 150 livros, como o *Dicionário do Folclore Brasileiro* e *História da Alimentação no Brasil*



Câmara Cascudo, em foto de 1964

Se hoje em dia os brasileiros seguem contando causos envolvendo figuras míticas, como Saci, Curupira e Mula Sem Cabeça, boa parte está ligada ao esforço de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Este potiguar, nascido em Natal, no Rio Grande do Norte, é um autor obrigatório para quem quer se aprofundar no folclore e na cultura brasileiras. Mais do que isso, suas mais de 150 obras têm um patrimônio de valor inestimável. Mesmo décadas após a publicação, algumas delas, como *Dicionário do Folclore Brasileiro* e *História da Alimentação no Brasil*, são leituras obrigatórias em estudos acadêmicos.

Nascido em 30 de dezembro de 1898, Cascudo passou a sua vida na capital do Rio Grande do Norte. Em uma entrevista ao jornal *A Província*, o escritor relembrou os tempos de infância e se autodenominou como um curioso nato. “Queria saber a história de todas as coisas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço”, declarou.

De família rica, o início da vida do autor já começou de maneira “folclórica”. Seu primeiro banho teve água morna misturada com vinho do porto e moedas do império, como um ritual para que nunca lhe faltasse dinheiro. Foi batizado pelo padre João Maria, famoso no Rio Grande do Norte — tem até processo de beatificação pelo Vaticano em análise, aberto desde 2002.

A infância de Câmara Cascudo foi marcada por uma tragédia familiar. Ele tinha três irmãos, que morreram após contraírem difteria. Cascudo se tornou, assim, filho único. Em 1913, a família se mudou para uma chácara, no chamado Principado do Tirol, em Natal. Rapidamente, o bairro se tornou berço da cultura local, recebendo uma série de concertos, recitais, peças teatrais e outras apresentações artísticas.

A educação formal de Cascudo ocorreu com auxílio dos melhores professores e escolas da época. Politicamente, foi um divulgador da ideologia integralista, uma adaptação brasileira do fascismo. Estudou Direito, em Recife, capital de Pernambuco, terminando seu curso superior em 1928. Também foi professor universitário por décadas, profissão que guardava no coração, já que gostava de ser identificado assim: “Professor Câmara Cascudo”.

Em 1929, casou-se com Dália Freire, “uma flor sem espinhos”, como definia Cascudo. A esposa é considerada a base emocional para que o autor pudesse dedicar a vida à sua vasta obra. O casamento durou 57 anos e teve fim com a morte de Câmara, em 1986. O casal teve dois filhos, Fernando Luís e Anna Maria. Dália faleceu em 1997.

Na função de jornalista, o pai de Câmara Cascudo, o coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo, teve papel fundamental ao abrir um jornal *A Imprensa* para o filho. Na publicação, o escritor do folclore brasileiro tinha a coluna diária *Bric-à-Brac*, na qual abordava temas relacionados à sua paixão: a cultura brasileira. Além disso, colaborou para vários jornais de Natal e outras publicações em todo o Brasil. Não demorou para que publicasse também seu primeiro livro, *Alma Patrícia*, em 1921, uma crítica literária em torno dos potiguares desconhecidos do resto do país.

O autor era conhecido como uma espécie de “Google” da cultura brasileira. Durante a vida, sua casa era parada obrigatória de grandes intelectuais, artistas e políticos. Entre os visitantes ilustres — que sempre recebia com um charuto na boca — estão nomes como o maestro Heitor Villa Lobos, o compositor Ary Barroso e o ex-presidente Juscelino Kubitschek.

A biblioteca de Cascudo impressionava com seus mais de 20 mil livros, chamada por ele carinhosamente de Babilônia. Apesar de ser um fã da cultura erudita e dos clássicos da literatura mundial, jamais abandonou o caminho que o levava ao encantamento: a sabedoria popular. Ele estava sempre em contato com pessoas simples, adorava ir à feira, ao mercado e procissões, locais e ocasiões que denominava como “espetáculos populares”.

Entre as principais obras que publicou está a *História da Alimentação no Brasil*, de 1938. No material há uma mistura dos aromas e sabores da culinária brasileira, africana, indígena e portuguesa. Outro livro crucial de sua bibliografia e uma das obras mais importantes da literatura brasileira de todos os tempos é o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que está na 12ª edição. Este material reúne milhares de verbetes sobre superstições, crendices, mitos, danças, lendas e práticas mágicas adotadas e vividas pelo povo brasileiro.

A trajetória em vida de Cascudo encerrou em 30 de julho de 1986, quando, nos dizeres dele mesmo, “encantou-se”. Sua morte motivou uma série de homenagens em reconhecimento a vasta e importante obra que deixou como legado. Uma das mais notórias foi a impressão de seu rosto na cédula de **50 mil cruzeiros**, que se manteve em circulação até 1994. O acervo de sua história e da família, hoje em dia, pode ser visitado em Natal, onde fica o Ludovicus — Instituto Câmara Cascudo, um memorial criado onde era a casa de Cascudo.



ILPF: inúmeras vantagens, mas que exigem dedicação

Mudança de visão, planejamento, capacitação e assistência técnica fazem parte do processo para alcançar benefícios envolvendo os sistemas de integração



Há mais de 30 anos, a Integração Lavoura Pecuária Floresta (ILPF) tem sido objeto de pesquisas no Paraná. A adoção desse sistema – que pode combinar dois ou os três componentes – possibilita a recuperação de áreas degradadas, tanto de pastagens como de lavouras, além de proporcionar benefícios ambientais e incrementar a produtividade agropecuária, avançando sobre áreas menos produtivas.

Na região do Arenito Caiuá, no Noroeste do Estado, onde mais de 40% do território são dedicados à pecuária, a ILPF surgiu como oportunidade para aumentar a produção de grãos sobre áreas de pastagens degradadas, possibilitando o cultivo da soja em solos arenosos. É o caso do produtor **Gerson Magnoni Bortoli**, que possui duas propriedades sob esse sistema, uma em Perobal, com 465 hectares em Integração Lavoura Pecuária (ILP), e outra em Umuarama, com 424 hectares em Integração Pecuária Floresta (IPF), ainda em fase de testes.

Até então pecuarista, Bortoli começou a plantar a soja em 2004, com assistência técnica da cooperativa Cocamar, que, na época, havia dado início aos projetos com sistemas de integração no Arenito Caiuá. O produtor rural queria reformar as pastagens da propriedade em Perobal, adquirida em 2001. Hoje são 327 hectares dedicados ao cultivo: 100% ocupados com soja no verão e, no inverno, com braquiária – ora solteira, ora consorciada com milho.

Na estação fria, Bortoli faz a transferência da maior parte do rebanho que estava em Umuarama para Perobal, para fazer o pastejo sobre as forrageiras. A média varia entre 350 e 500 animais – em Umuarama ficam apenas as vacas de cria (cerca de 200). “Quando o mercado está bom, compramos mais animais para fazer o acabamento em Perobal. Também faço semiconfinamento, se tem perspectiva boa de preço, faço a terminação no cocho. Entre final de agosto e início de setembro, tiramos o gado para dessecar o capim e plantar a soja”, explica o produtor.

Infraestrutura

Com a integração do sistema, os resultados não demoram a aparecer. Segundo Bortoli, no primeiro ano já foi possível mensurar os benefícios. No entanto, a propriedade carecia de equipamentos e maquinários para a agricultura. Esse é um dos desafios para os produtores que estão começando no sistema de integração: investimento em infraestrutura para implantação de cada um dos componentes. Por isso, Bortoli agiu com cautela: começou terceirizando os serviços, até obter mais segurança financeira para comprar maquinário próprio. Somente após colocar toda a propriedade em ILP que investiu em máquinas novas e de primeira linha.

Outro desafio apontado pelo produtor é a falta de mão de obra qualificada. Como a região é tradicionalmente voltada para a pecuária extensiva, há poucos profissionais especializados em agricultura, principalmente em sistema de integração. “A pecuária da nossa região não exige tanta presença na lida diária. Na agricultura, o planejamento é mais rígido, pois cada hora é certa”, avalia.

Desde 2008, quando a propriedade de Perobal atingiu a amplitude do sistema ILPF, a produtividade média está em 66 sacas de soja por hectare. Na safra de 2022/23, Bortoli colheu 88 sacas por hectare – número que impressiona, levando em consideração as condições de clima e solo do Arenito Caiuá. Na propriedade, o teor de argila no solo não passa dos 20%. “Para a nossa região não tem outra saída senão o sistema de integração”, garante o produtor.

Na pecuária, Bortoli viu a transformação nas pastagens – desde que começou com a ILP, tem pasto de sobra. Mesmo se houver geadas, a braquiária resiste ou acaba rebrotando com facilidade. “O potencial de lotação é maior do que eu uso hoje, cerca de quatro cabeças por hectare. Eu poderia levar mil cabeças que suportaria tranquilamente. Mas levo metade, por decisões de mercado, e porque fica a palhada para a soja”, acrescenta. No inverno, o ganho de peso por animal é de 1 a 1,5 quilo por dia.



Capacitação

O tradicionalismo, principalmente dos pecuaristas, ainda é um desafio para a implantação dos sistemas integrados nas propriedades rurais. Apesar dos exemplos práticos, muitos produtores apresentam resistência às mudanças que o sistema exige. Hoje, no Paraná, 633 mil hectares são ocupados pela ILPF, 6,74% das áreas de uso agropecuário, conforme dados da Rede ILPF. Já no Brasil, são 17,4 milhões de hectares, 8,35% do total. Para reverter essa situação e ampliar o cenário, segundo especialistas, o ILPF exige planejamento e assistência técnica.

Na avaliação de Edegar Moro, professor e pesquisador na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), ainda é preciso destravar o acesso ao conhecimento multidisciplinar para profissionais de assistência técnica, produtores e trabalhadores rurais. “Tem espaço para formar profissionais para aproximar a pesquisa do campo. É importante trazer quem tenha domínio ou proporcionar treinamento para a equipe que já está na propriedade”, afirma.

De acordo com Vanderley Porfírio-da-Silva, pesquisador da Embrapa Florestas, para que o sistema funcione plenamente, o produtor precisa “mergulhar de cabeça” em uma nova visão estratégica de manejo e de negócio e, principalmente, se capacitar. “Ele vai ter que aumentar sua capacidade de gerir tecnologia, de acordo com o grau de complexidade da integração. Para isso, é preciso capacitação técnica, e também de marketing, do ponto de vista do mercado, para vender o seu produto”, resume.

A Rede ILPF, por exemplo, divulga, por meio de uma plataforma de ensino, esses sistemas produtivos, com foco em trabalhar a transferência de tecnologia e capacitação de as-

sistência técnica. Em parceria, outras entidades do setor também têm contribuído para levar capacitação e conhecimento aos produtores rurais paranaenses, como o Sistema FAEP/SENAR-PR e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), por meio do Programa de Capacitação em ILPF.

A iniciativa está treinando profissionais para prestar assistência técnica e fomentar a tecnologia entre os produtores rurais do Estado. O programa, que já está em campo desde março deste ano, tem duração até abril de 2024. Uma das estratégias para a formação continuada dos técnicos e instrutores é o desenvolvimento de projetos em propriedades rurais de cooperados da Cocamar para implementação das técnicas de ILPF de acordo com as demandas de cada negócio.

“Nos últimos anos, a área ocupada por ILPF cresceu no Brasil e o Paraná precisa acompanhar. Para garantir que as melhores tecnologias sejam utilizadas e difundidas, estamos investindo na capacitação dos profissionais de assistência técnica. Com isso, os produtores recebem orientação especializada e com estratégias personalizadas para a sua propriedade, para que o sistema seja implementado com sucesso e com potencial para grandes resultados”, afirma Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

“Para que este conhecimento seja transferido e colocado em prática pelos produtores, treinamos nossa equipe técnica constantemente com a colaboração de diversos pesquisadores. Como alternativa para facilitar a conversão, propomos um sistema de parcerias entre o pecuarista e o produtor de grãos, o qual acelera o processo de implementação do sistema com benefícios mútuos”, destaca Emerson Nunes, gerente de ILPF na Cocamar, que atua há mais de 20 anos para alavancar mais áreas ocupadas pelo sistema.



Equipe operacional da Colab

Sistema integrado se adapta a qualquer realidade do campo

Em 2015, a Colaboradores do Brasil (Colab), organização missionária e filantrópica que desenvolve trabalhos agrícolas no Paraná, iniciou a implantação da ILPF nas propriedades de Altônia e Xambê, no Noroeste do Paraná. Juntas, elas somam 1,15 mil hectares de área cultivável. A primeira etapa envolveu o plantio da soja por meio de parcerias com agricultores da região, para recuperar as pastagens. Os produtores faziam a correção do solo e, ao término do contrato de dois anos, entregavam a área reformada.

“A estratégia barateou os custos. O pasto depois da soja passou a suportar mais gado em quatro meses de inverno do que o pasto antigo suportava o ano inteiro”, aponta Valdenir Alberto Seidel, gerente financeiro da Colab. Antes da ILPF, a produtividade média do rebanho destinado à cria, com 2,6 mil cabeças, era 8 arrobas por hectare por ano. Atualmente, são cerca de 13 arrobas por hectare.

Em 2018, a Colab assumiu a gestão da agricultura em Altônia e, a partir deste ano, em Xambê – que, além da soja, vai receber o plantio de 10 mil pés de eucalipto. Com o complemento florestal, a curto e médio prazos, o planejamento é oferecer sombra e conforto térmico para o gado e, a longo prazo, fazer a extração e comercialização da madeira, além de colaborar para questões ambientais, como o sequestro de carbono.

“A diversificação de atividades das fazendas também promove ganhos sociais, trazendo novas oportunidades de emprego e capacidade de melhoria na renda dos colaboradores”, afirma Seidel. “A princípio houve um desafio cultural, porque somos pecuaristas por natureza. Mas hoje isso está superado. A ILPF deu viabilidade para a agricultura na nossa região”, reconhece.

Além de exigir uma abordagem sistêmica de planejamento, a ILPF é adaptável a qualquer realidade do campo. Pode combinar os componentes (lavoura, gado e floresta) de diferentes maneiras, com diversas culturas e espécies animais, adequando-se às características regionais, condições climáticas, mercado local e perfil do produtor, seja pequeno, médio ou grande.

“Não existe um modelo para todos os produtores. Por isso é preciso assistência técnica capacitada, que entenda os conceitos e o contexto da propriedade para customizar o sistema a ser implementado. O melhor modelo é o que vai funcionar na realidade daquele produtor”, esclarece Porfírio-da-Silva, da Embrapa Florestas.

“Nos últimos anos, a área ocupada por ILPF cresceu no Brasil e o Paraná precisa acompanhar. Para garantir que as melhores tecnologias sejam utilizadas, estamos investindo na capacitação dos profissionais”

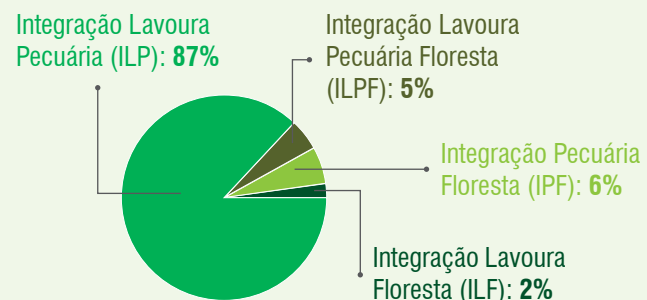
Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



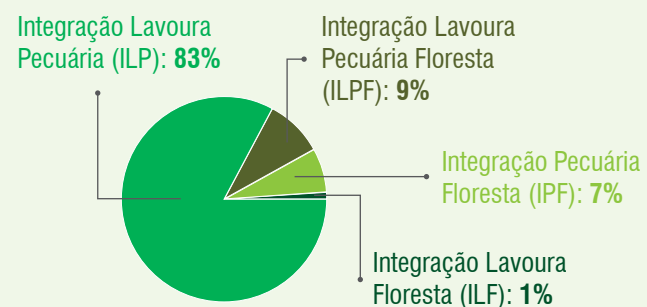
Modalidades do sistema

Dentre as quatro possibilidades de configuração dos sistemas de integração, confira como são adotadas pelos produtores rurais

Paraná



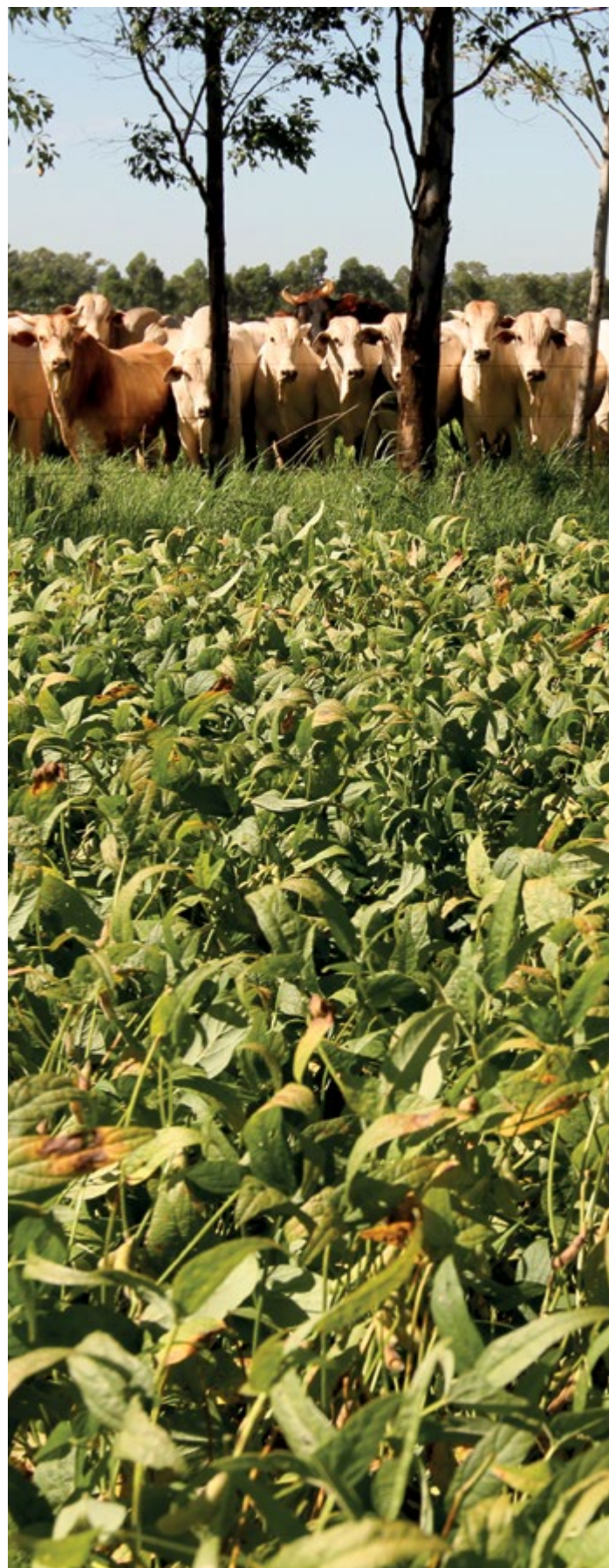
Brasil



Fonte: Rede ILPF

633 mil

hectares são ocupados, atualmente, pela ILPF no Paraná, 6,74% das áreas de uso agropecuário



Componente florestal ainda é desafiador

De acordo com a Rede ILPF, dentre as quatro possibilidades de configuração do sistema produtivo, a ILP é a mais adotada pelos produtores paranaenses, com 87%, seguida da ILPF, com 5%. Essa diferença expressiva está ligada ao maior nível de complexidade de manejo do complemento florestal, além do tempo para extração da madeira, de, no mínimo, sete anos.

“O componente florestal é o mais distante do domínio tecnológico do setor produtivo e o tempo para retorno financeiro também intimida. Exige muito mais planejamento que agricultura e pecuária, e, mesmo assim, é difícil prever o comportamento de mercado”, elenca Edemar Moro, professor e pesquisador na Unoeste.

No caso de regiões onde há indústrias do setor florestal, o produtor pode fechar contratos na época do plantio das árvores. Já onde o setor não é consolidado, a incerteza com a comercialização aumenta, sendo mais um fator limitante. Outro aspecto tem relação com a diversificação de espécies de árvores plantadas.

“Um receio, principalmente de quem trabalha com grãos, é achar que a floresta sempre vai causar prejuízos por causa do sombreamento excessivo das plantas. Por isso existe a necessidade de um acompanhamento do desenvolvimento do componente florestal. Às vezes o produtor conhece exemplos que deram errado por implantação inadequada”, aponta Marcelo Müller, engenheiro florestal e coordenador da Caravana da Rede ILPF, que difunde os sistemas ILPF, além de realizar diagnósticos regionais nas diversas regiões produtoras do país.

Durante os eventos da Caravana, é utilizada uma ferramenta de previsão de resultados que ajuda a identificar os gargalos para adoção da tecnologia ILPF no campo. Os resultados têm indicado que a transmissão de conhecimento a respeito da introdução do componente florestal para os produtores ainda é deficitária, limitando sua implantação. O tempo para retorno financeiro também aparece entre os principais gargalos.

Segundo Müller, há espaço para o componente florestal crescer no Brasil e no Paraná. Afinal, a associação de cultivos anuais com árvores ganha importância para proteção contra intempéries, principalmente ventos, que podem determinar grandes perdas na produção agrícola. É o chamado efeito quebra-ventos. Outras melhorias estão associadas ao controle da erosão, proteção de populações de inimigos naturais de pragas e manutenção da biodiversidade.



Cada propriedade exige um modelo de integração

Os sistemas de Integração Lavoura Pecuária são excelentes estratégias produtivas para o desenvolvimento sustentável, aumento da produtividade e redução de riscos financeiros, garantem especialistas. “Temos cases de sucesso na cooperativa [Cocamar] que têm conseguido vantagens como redução da sazonalidade de produção, maior rentabilidade, maior eficiência de utilização dos recursos naturais, geração de empregos diretos e indiretos no campo, e melhoria da qualidade de vida do produtor e de sua família”, destaca Nunes, da Cocamar.

O produtor **José Rogério Volpato** transformou suas propriedades após adotar sistemas de integração, sendo ILPF na propriedade em Presidente Castelo Branco, com 145 hectares, e ILP na outra em Nova Esperança, com 242 hectares. “Antes de trabalhar com ILPF, eu fazia somente o plantio de braquiária solteira no inverno para cobertura de solo e aumentar a palhada para o verão, mas não fazia pastejo. Hoje eu faço a rotação das áreas, então, a fim de comparação, onde tem pastejo, a produtividade da soja é de 5% a 10% maior”, aponta.

O rebanho de, em média, 250 cabeças de gado, chegando a 400 no inverno, tem potencial de lotação de até quatro cabeças por hectare. Em Nova Esperança, a terminação das novilhas no pastejo resulta em ganho diário de peso de 750 gramas por animal. Na safra 2022/23, o produtor também investiu no plantio de sorgo e aveia em parte de área para ajudar na terminação. “Está provado que o sistema funciona em áreas menores. O gado veio para pagar o custo do capim e ainda dá resultado na soja”, comemora Volpato.

Na propriedade em Presidente Castelo Branco, que conta com o componente florestal há sete anos, está chegando a época do primeiro corte do eucalipto. Segundo o produtor, a expectativa para comercialização da lenha está boa. “E eu ainda continuo trabalhando com o gado na mesma lotação. O eucalipto não tirou quase nada do potencial da área”, garante.

Entregue pelo SENAR-PR, equipamentos auxiliam alunos agrícolas do Paraná

Entidade investiu R\$ 3,2 milhões na parceria com a Seed, sendo R\$ 2 milhões na aquisição de aparelhos de GPS, tablets, drones, entre outros materiais



Diretoria do Sistema FAEP/SENAR-PR e integrantes da Seed assinaram o termo de entrega dos equipamentos

Como parte do Programa Agropecuária 2030, o SENAR-PR realizou, em novembro, a entrega de 484 equipamentos e kits para serem utilizados em aula pelos 23 colégios agrícolas do Paraná. A iniciativa é uma parceria do SENAR-PR com a Secretaria de Estado da Educação (Seed), com o objetivo de colocar os colégios agrícolas na era digital. O programa envolve recursos da ordem de R\$ 3,2 milhões, sendo R\$ 2 milhões para a aquisição dos equipamentos e R\$ 1,2 milhão para a capacitação de instrutores e no desenvolvimento de treinamentos.

Os materiais foram repassados à Seed pelo presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, em cerimônia realizada no Colégio Estadual de Educação Profissional (CEEP) da Lapa, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

O evento contou com a participação de Meneguette; do secretário estadual de Educação, Roni Miranda Vieira; do

prefeito da Lapa, Diego Ribas; de vereadores e dos diretores dos 23 colégios agrícolas do Paraná – responsáveis pela educação de mais de 1,5 mil estudantes. Também participaram o diretor-financeiro do Sistema FAEP/SENAR-PR, Paulo Buso, o diretor-secretário, Livaldo Gemin, e a diretora-técnica, Débora Grimm.

“Um recente estudo aponta que quem tem ensino técnico ganha até 32% mais que quem faz o ensino médio regular. O mundo não quer mais certificado. Quer conhecimento. E essa é a nossa meta: levar conhecimento atualizado aos nossos estudantes”, disse Meneguette. “Com essa aposta no conhecimento, tenho a certeza de que vamos ter uma geração mais preparada para as novas tecnologias, com profissionais melhores e mais bem formados”, acrescentou.



Mais de 1,5 mil alunos espalhados pelos 23 colégios agrícolas estão sendo atendidos pelo Programa Agropecuária 2030

Entre os equipamentos repassados aos colégios agrícolas estão drones, aparelhos de GPS portáteis, GPSs agrícolas e tablets. O pacote contempla, ainda, amostradores de solo, fluxômetros, penetrômetros de solo e termohigroanemômetro, além de kits de ordenha, de aplicação de agroquímicos e de perdas.

“Hoje, apenas 15% dos alunos que concluem o ensino médio conseguem acessar o ensino superior. Com esse indicador, traçamos uma política voltada ao ensino técnico. O Paraná é, hoje, o Estado que mais oferta educação técnica. O jovem já sai da escola com uma profissão”, apontou Miranda. “E o ensino técnico não pode ser arcaico. Por isso, essa parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR. Já foi assim no Programa Agrinho e, agora, nesta nova iniciativa. É o setor agropecuário valorizando a educação pública”, destacou o secretário.

Agropecuária 2030

Lançado no segundo semestre deste ano, o Programa Agropecuária 2030 é uma iniciativa de formação profissional, voltada a colocar os alunos dos colégios agrícolas em contato com conceitos e disciplinas modernas, que até então não estavam contempladas na grade curricular. Para isso, o SENAR-PR desenvolveu quatro módulos: Agricultura de Precisão (AP), Drones Agrícolas, Mecanização Agrícola e Pecuária, que serão cursados por todos os alunos dessas escolas técnicas.

A formatação do programa começou em dezembro de 2022, com o desenvolvimento dos módulos. O plano de aulas foi construído coletivamente por técnicos e instrutores do Sistema FAEP/SENAR-PR no Centro de Treinamento Agropecuária (CTA) da entidade em Ibiporã, na região Norte do Paraná.

484

Este é o número de equipamentos entregues pelo SENAR-PR aos colégios agrícolas do Paraná



No caso da formação em AP, os profissionais passaram por uma atualização na Escola Superior de Agricultura, da Universidade de São Paulo Luiz de Queiróz (Esalq/USP), em Piracicaba, no interior paulista. O programa também conta com material didático exclusivo, em consonância com as demandas dos estudantes.

O programa é levado às escolas por 24 instrutores. Para garantir a efetividade das aulas, os módulos contarão com avaliações em 360º – ou seja, em que todos os atores se avaliam: instrutores, alunos e colégios. O Agropecuária 2030 também tem envolvido professores dos colégios.

SENAR-PR firma parceria para levar cursos a detentos

Termo de cooperação com o Deppen prevê a oferta de 5 mil vagas em capacitações promovidas em presídios, cadeias e Unidades de Progressão do Paraná

O SENAR-PR vai ofertar cursos a pessoas privadas de liberdade, detidas em estabelecimentos prisionais do Paraná. No dia 27 de novembro, a entidade firmou termo de cooperação com o Departamento de Polícia Penal do Estado do Paraná (Deppen), estabelecendo as bases da parceria para oferta de capacitação aos detentos. O convênio assinado pelo presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, e o diretor-adjunto do Deppen, Maurício Ferracini dos Santos, passa a vigorar em janeiro de 2024. A meta é que nos próximos cinco anos sejam disponibilizadas 5 mil vagas em cursos e treinamentos do SENAR-PR em presídios, cadeias e Unidades de Progressão (UP) do Paraná, entre outras unidades.

“No passado, já atendemos muitos estabelecimentos penitenciários do Paraná, com excelentes resultados. Com essa nova parceria, nós sistematizamos essa oferta e ampliamos esse atendimento. Com isso, o SENAR-PR cumpre um importante papel social, de contribuir com a reinserção dessas pessoas na sociedade”, destacou o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Segundo a diretora-técnica do SENAR-PR, Débora Grimm, a meta da parceria é levar mil vagas de cursos por ano às pessoas privadas de liberdade. Com as capacitações, a entidade espera levar formação profissional e complementar aos presos, principalmente em atividades ligadas ao meio rural.

“Além das capacitações presenciais, também vamos disponibilizar nosso catálogo de cursos na modalidade Ensino a Distância [EaD] e as cartilhas da nossa biblioteca virtual”, acrescenta Débora.



Meneguette e Ferracini Santos assinaram o convênio em novembro

O diretor-adjunto do Deppen apontou que os cursos do SENAR-PR serão demandados pelos estabelecimentos prisionais do Estado, principalmente em unidades de progressão e em colônias penais, cujo perfil dos presos se encaixa às propostas dos cursos. A ideia é de que os cursos sejam escolhidos conforme a vocação da região em que as unidades penais se encontram.

“Temos 36 mil presos em todo o sistema penitenciário do Paraná. Muitos deles estão nessas unidades, com perfil para receber os cursos. E o peso que o SENAR-PR tem é determinante. Precisamos desse tipo de parceria para transformar a vida dessas pessoas privadas de liberdade e prepará-las para a reinserção na sociedade”, disse o diretor-adjunto do Deppen.

Entre os 120 estabelecimentos prisionais do Paraná, estão nove UPs. Uma dessas é a Penitenciária Central do Estado (PCE-UP), localizada no Complexo Penitenciário de Piraquara, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). A unidade é considerada um modelo no sistema penitenciário do país. Lá, além de não haver superlotação, todos os presos estudam, trabalham e/ou cumprem alguma função.

“A reincidência de um preso que sai da PCE-UP é inferior a 5%. É uma unidade que, realmente, consegue cumprir o papel de reinserção social”, ressaltou Ferracini. “Mas a ideia é levarmos os cursos do SENAR-PR a todos os estabelecimentos que tenham uma área rural ou que estejam em regiões com essa vocação”, acrescenta.

Palestra ambiental em Piraí do Sul

No dia 6 de dezembro, a técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR Carla Beck esteve no Sindicato Rural de Piraí do Sul, nos Campos Gerais, para realizar uma palestra sobre regularização ambiental e georreferenciamento. O encontro permitiu repassar orientações sobre questões ambientais aos produtores rurais associados e colaboradores da entidade sindical, que está em fase de reativação.



Nunorte e Nunorpi

No dia 8 de dezembro, os sindicatos rurais que formam o Núcleo dos Sindicatos Rurais do Norte do Paraná (Nunorte) e o Núcleo do Norte Pioneiro (Nunorpi) realizaram a sua última reunião de 2023, no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Ibioporá. Na ocasião, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, destacou as conquistas do ano, além de reforçar os projetos para 2024.



40 anos do Sindicato de Nova Aurora

No dia 24 de novembro, o Sindicato de Nova Aurora, na região Oeste, comemorou seus 40 anos com uma festa comandada pelo presidente Itacir Braun para mais de 500 pessoas, entre associados, produtores da região e autoridades. Na ocasião, a chefe de gabinete do Sistema FAEP/SENAR-PR, Angelina Viel, e o coordenador do Departamento Sindical da entidade, João Lázaro Pires, estiveram presentes, representando o presidente Ágide Meneguette.



Inscrição no CAR

Os produtores rurais que possuem área acima de quatro módulos fiscais têm até 31 de dezembro para fazer inscrição no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e acessar benefícios do Programa de Regularização Ambiental (PRA). Já os proprietários dos imóveis rurais com área de até quatro módulos fiscais deverão realizar a inscrição até 31 de dezembro de 2025. O produtor rural que não realizar a inscrição no CAR no prazo não conseguirá fazer a adesão ao PRA e, com isso, perderá o acesso aos benefícios previstos pelo programa. As informações de como realizar o processo estão no site sistemafaep.org.br.

Na trajetória da liderança rural

Joceli Borgo, de Guamiranga, deixou as dificuldades na fumicultura para se destacar como líder rural, à frente de associação, conselho municipal e comissão de mulheres



O envolvimento da agricultora Joceli Borgo com a comunidade de Guamiranga, na região Centro-Sul do Paraná, começou em 2014, quando participou de um projeto para diversificação da pequena propriedade, na época, dedicada à fumicultura. Desde então, Joceli passou a trabalhar para fomentar o próprio negócio e a agropecuária da região.

“As coisas estavam bem complicadas, pois nossa renda era limitada. Então vimos que tínhamos potencial para conciliar várias atividades na propriedade. Começamos a fazer reuniões, visitas, conhecer outros produtores no município”, conta.

Na sequência, a produtora diversificou a produção, e investiu em uma agroindústria de bolachas, pães e geleias caseiras. Com isso, passou a conhecer outras fábricas con-

duzidas por mulheres no município. A partir dessa rede de contatos, surgiu a Associação da Agricultura Familiar de Guamiranga (AAFAG), em 2016, entidade que preside atualmente.

“Com a associação, começamos a vender de porta em porta, na feirinha e para a merenda escolar. Isso exigiu cursos do SENAR-PR, de panificação, de morango, de compotas e doces, para nos aprimorarmos”, diz. Hoje, a AAFAG possui 40 associados, sendo que 70% são mulheres.

Com o trabalho na associação crescendo, a transformação também chegou à propriedade de Joceli. Em 2017, implantou a produção de morangos e, em 2020, a criação de carneiros, parando de vez com a fumicultura. A produção da agroindústria acabou ampliada, para salgados, doces e bolos para festas.

Reconhecimento

Porém, em 2021, a AAFAG entrou em um espiral de problemas financeiros, que quase resultaram no seu fechamento. Na época, Joceli se ofereceu para assumir a presidência e dar continuidade ao trabalho. “Pedi uma chance para tentar mais um ano e montamos uma diretoria com maioria de mulheres. Falamos com a secretária de Agricultura [Cristiane Borgo], que já havia trabalhado conosco no projeto da fumicultura. Conseguimos recursos do Estado para tocar a associação”, recorda.

Na presidência, Joceli reformulou a entidade e inscreveu o grupo em diversos projetos, que viabilizavam recursos. “Os produtores começaram a crescer com suas produções. Muitos largaram a fumicultura e ampliaram a produção de verduras e fruticultura. Uma coisa amarrou a outra e conseguimos crescer”, destaca Joceli.

Atualmente, a AAFAG está envolvida com projetos como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Compra Direta Paraná e Mesa Brasil Sesc, em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). “O que sobra vendemos de porta em porta, para os vizinhos e mercados. É uma renda boa”, afirma.

Por meio do trabalho na associação, Joceli ganhou reconhecimento no município. Em 2022, ela foi convidada pelo então presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), Alex Gonçalves, para ser a sucessora no cargo. O conselho, com 26 anos de história em Guamiranga, nunca havia tido uma mulher na diretoria ou na presidência.

“Eu gosto de trabalhar pelo coletivo, então sinto que estou no lugar certo. Eu apresento minhas ideias e a gente cresce junto”, aponta.

Destaque feminino

Em 2021, por intermédio da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP (CEMF), o Sindicato Rural de Ivaí criou a Comissão de Mulheres de Guamiranga. Joceli também entrou nesse time, sendo uma das sete coordenadoras do grupo. “Eu quero crescer com outras pessoas, principalmente as mulheres”, afirma.

Para compor esse trabalho focado na representatividade, Joceli decidiu participar, neste ano, do curso de Liderança Rural ofertado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Além de aluna, a produtora também assumiu o papel de mobilizadora, levando mais sete mulheres para a capacitação. O resultado foi uma turma com expressiva participação feminina – de 17 alunos, 15 eram mulheres.

“No curso, eu conheci minha individualidade, minha capacidade de liderar, de confiar nos outros, de saber me comunicar. Eu acredito que se deu certo para mim, também vai dar para mais pessoas”, conclui.

Memória do Campo

Paraná tem simulação de guerra contra gripe aviária



“Guerra” contra Influenza Aviária

O ano de 2023 ficou marcado pela ameaça sanitária à avicultura, com a identificação de casos de Influenza Aviária em aves silvestres no Paraná. Graças a um sistema sanitário robusto, a produção de frangos paranaense resistiu. A construção de um sistema sólido de prevenção e resposta a emergências sanitárias é tema constantemente do **Boletim Informativo**, como ocorreu na edição 1.061, publicada em agosto de 2009.

Uma reportagem da edição, com o título “Paraná tem simulação de guerra contra gripe aviária”, detalhou um simulado nacional de emergência sanitária, realizado em Astorga, Arapongas, Pitangueiras e Sabáudia, municípios localizados no Norte do Paraná. O exercício contra a Influenza Aviária foi organizado e executado por técnicos dos governos estadual e federal e também da Organização PanAmericana de Saúde.

Durante o treinamento, foram simuladas situações reais que retratavam todo tipo de dificuldade e ações que os técnicos devem tomar em caso de encontrarem um foco da Influenza Aviária. Esse simulado, assim como outras ações de treinamento, sempre teve acompanhamento e apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, assim como a formação de Conselhos Municipais de Sanidade Agropecuária (CSAs), órgãos fundamentais até hoje na manutenção da sanidade em diferentes cadeias produtivas da pecuária.

SENAR-PR renova convênio com a Fetaep para 2024

Termo de cooperação disponibiliza R\$ 3 milhões para cursos e eventos de formação profissional, além de ações de políticas públicas e mobilização sindical

O SENAR-PR renovou o convênio com a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares do Estado do Paraná (Fetaep) para o ano de 2024. No dia 13 de dezembro, os presidentes Ágide Meneguette, do SENAR-PR, e Alexandre Leal dos Santos, da Fetaep, assinaram o termo de cooperação, que prevê a realização de cursos, eventos de capacitação e formação nas regionais sindicais e nos sindicatos dos trabalhadores rurais para lideranças, colaboradores e trabalhadores rurais agricultores familiares. O valor disponibilizado para as ações é de R\$ 3 milhões.

“Os produtores rurais, independentemente do tamanho, precisam se adaptar ao momento atual. O pessoal precisa estar pronto para mexer em equipamentos modernos e saber usar as tecnologias disponíveis. Essa parceria vai permitir que muitos trabalhadores passem pelas formações, pois o mercado exige conhecimento”, salientou Meneguette.

Na mesma linha, Leal dos Santos destacou o convênio com o SENAR-PR como mais uma ferramenta para fortalecer a agricultura familiar no Paraná. “O setor familiar tem avançado muito nos últimos anos. E essa parceria vai ajudar na formação dos nossos trabalhadores e, consequentemente, ampliar a produção e qualidade dos nossos produtos. Posso dizer que esse convênio é extremamente importante para Fetaep”, afirmou.

Em 2023, por meio do convênio entre as duas entidades, 127 eventos foram realizados, sendo 39 da Fetaep e 88 das regionais e sindicatos dos trabalhadores rurais agricultores e agricultoras familiares (STTRs), envolvendo 19,5 mil pessoas. A expectativa para



Carlos Augusto Albuquerque, Ágide Meneguette e Alexandre Leal dos Santos



Convênio foi firmado em solenidade realizada em 13 de dezembro, na sede da Fetaep

2024 é de que os projetos alcancem 30 mil participantes, entre lideranças do movimento sindical, colaboradores dos sindicatos e trabalhadores rurais agricultores familiares.

Colégios agrícolas

Durante o evento de assinatura, o presidente do SENAR-PR lembrou o Programa Agropecuária 2030, resultado da parceria entre a entidade e a Secretaria de Estado da Educação (Seed), com o objetivo de colocar os 23 colégios agrícolas na era digital. A iniciativa de formação profissional voltada aos mais de 1,5 mil alunos das instituições de ensino oferta, entre outras ações, quatro

módulos: Agricultura de Precisão (AP), Drones Agrícolas, Mecanização Agrícola e Pecuária, que serão cursados por todos os alunos dessas escolas técnicas. Por meio do convênio com a Fetaep, os trabalhadores rurais também poderão participar destas formações.

“Na mesma linha, podemos disponibilizar esses cursos para que os associados da Fetaep possam fazer dentro dos colégios agrícolas. Investimos em equipamentos como drones, aparelhos de GPS e tablets, além da atualização dos instrutores do SENAR-PR, para proporcionar o que há de mais modernos para a formação dos futuros profissionais que vão atuar na agropecuária do Paraná”, disse Meneguette.

800 mulheres em Pinhão

No dia 25 de novembro, o 8º Encontro de Mulheres Agricultoras, em Pinhão, reuniu 800 produtoras rurais. Realizado pela prefeitura municipal, secretaria de agricultura e IDR-Paraná, com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, o evento foi organizado pelo Sindicato Rural de Pinhão e pela Comissão de Mulheres da entidade. A palestra principal com o tema “Mulheres que Inspiram” foi proferida pela engenheira agrônoma e instrutora do SENAR-PR Cássia Borghi de Barros. Ainda, as instrutoras Maríndia Magnabosco e Giane Fátima Dranka Mori promoveram oficinas de plantas medicinais e produção de hortaliças, respectivamente. A deputada estadual Cristina Silvestri e a secretária estadual da Mulher e Igualdade Racial, Leandre Dal Ponte, prestigiaram o evento.



Visita de cortesia

O procurador-chefe do Ministério Público do Trabalho no Paraná (MPT-PR), Alberto Emiliano de Oliveira Neto, esteve na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, no dia 29 de novembro, para uma visita de cortesia ao presidente da entidade, Ágide Meneguette.



40 anos do Sindicato de Realeza

O Sindicato Rural de Realeza, no Sudoeste, comemorou seus 40 anos no dia 17 de novembro, com um evento para mais de 400 pessoas, principalmente associados e produtores da região. Na ocasião, o assessor da presidência do Sistema FAEP/SENAR-PR Antonio Poloni e o supervisor da regional da entidade Eduardo Marcante estiveram presentes, além do presidente da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), Ademar Traiano.



Posse no Parlasul

No dia 27 de novembro, o deputado federal e ex-presidente da Frente Parlamentar Agropecuária (FPA), Sergio Souza, tomou posse como membro do Parlamento do Mercosul (Parlasul), na sede da entidade, em Montevidéu, no Uruguai. Como membro, Souza promete defender os interesses do Brasil e, principalmente, dos produtores rurais paranaenses nas relações comerciais com os países vizinhos.

30 anos do Sindicato de Alvorada do Sul

Mais de 150 produtores rurais participaram da festa de comemoração dos 30 anos do Sindicato Rural de Alvorada do Sul, na região Norte, no dia 24 de novembro. Na ocasião, o diretor da FAEP, Walter Ferreira Lima, e o ex-ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, participaram do evento.





RANCHO ALEGRE

BÁSICO EM MILHO

No curso encerrado em 13 de junho, dez pessoas receberam treinamento do instrutor Frederico Leoneo Mahnic. O curso foi viabilizado pelo Sindicato Rural de Uraí.



FLORESTÓPOLIS

EXCEL BÁSICO

O curso com o instrutor Reinaldo Galvão foi viabilizado em uma parceria do Sindicato Rural de Porecatu e Usina Alto Alegre em Florestópolis, entre 31 de agosto e 1º de setembro, com 11 participantes.



CAMBARÁ

CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS

Entre 8 e 10 de maio, o instrutor Marcos Domingues Pereira capacitou 12 participantes.



UBIRATÃ

MARKETING NO AGRONEGÓCIO

Conduzidos pelo instrutor Odair Ratz Gerstner, 11 participantes realizaram a capacitação finalizada em 7 de julho.



NOVA LONDRINA

RECUPERAÇÃO DE PASTAGEM

Entre 31 de julho e 5 de agosto, o instrutor Claudedir Prieto compartilhou conhecimento com nove participantes.



NOVA LONDRINA

FLORICULTURA

Nos dias 18 e 19 de julho, foi realizado curso para dez participantes, pela instrutora Rosania Balasso.



UBIRATÃ

MULHER ATUAL

Entre 21 de junho e 9 de agosto, foi realizado curso para 18 participantes, pela instrutora Fabiola Bocalon Weiss Ferrari.



UBIRATÃ

JAA

Conduzido pela instrutora Lays de Moraes Rodrigues, 33 participantes realizaram a capacitação, entre 7 de março e 4 de julho.



IRATI

COMUNICAÇÃO

Em turma finalizada em 10 de agosto, 15 participantes foram capacitados pela instrutora Maria Elaine Simão Machado. O curso foi realizado em parceria da Regional Irati e Colégio Florestal Presidente Costa e Silva.



CAMBARÁ

AGRICULTURA DE PRECISÃO

Oito participantes foram capacitados pelo instrutor Alef Igor Graneiro Fier, nos dias 3 e 4 de agosto.



RANCHO ALEGRE

BÁSICO EM MANDIOCA

Em turma finalizada no dia 16 de agosto, o instrutor Frederico Leoneo Mahnic treinou 12 participantes.



JANDAIA DO SUL

DERIVADOS DE LEITE

A instrutora Renata Andrade de Sá repassou conhecimento a 11 participantes, nos dias 18 e 19 de agosto.



PONTA GROSSA

CLASSIFICAÇÃO DE FEIJÃO

Um grupo de dez participantes recebeu treinamento do instrutor Caetano Benassi, no dia 24 de julho.



BARRA DO JACARÉ

OLERICULTURA

Tendo a Fazenda Santa Olímpia e o Sindicato Rural de Andirá como parceiros, este curso foi realizado entre 17 e 23 de agosto, pela instrutora Roseneide Bertolucci, para 14 participantes.



MUNHOZ DE MELLO

ABELHAS SEM FERRÃO

Oito participantes foram capacitados pelo instrutor Ramon Poncer Martins, entre os dias 10 e 12 de agosto. Curso realizado em parceria entre Sindicato Rural de Astorga, IDR-Paraná e Iapar-Emater.



SÃO JOÃO DO TRIUNFO

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

Conduzido pelo instrutor Qohelet Jose Ianiski Veres, em parceria com a Regional Irati do SENAR-PR e a cooperativa Bom Jesus, 15 participantes realizaram a capacitação entre 21 de agosto e 4 de setembro.



BARRA DO JACARÉ

TÉCNICAS DE APRESENTAÇÃO

Dez participantes foram capacitados pela instrutora Carmen Mercedes Zuan Benedetti, nos dias 22 e 23 de agosto. O curso foi viabilizado pelo Sindicato Rural de Andirá em parceria com a Assistência Social de Barra do Jacaré.



FRANCISCO BELTRÃO

TRATORISTA AGRÍCOLA

O curso realizado em parceria com o colégio agrícola local, entre 13 e 15 de julho, capacitou oito participantes, com as aulas do instrutor Rogério Toloy Soldan.



SALGADO FILHO

JAA

Tendo o Sindicato Rural de Francisco Beltrão e Colégio Estadual Padre Anchieta de Salgado Filho como parceiros, este curso foi realizado entre 20 de março e 14 de agosto, pela instrutora Luciana de Oliveira, para 15 participantes.



CIANORTE

MARACUJAZEIRO AZEDO

Entre 5 e 8 de setembro, foi realizado o curso para 12 participantes, pela instrutora Maria Helena da Cruz.



ASTORGA

MULHER ATUAL

Finalizado em 27 de setembro, o treinamento foi realizado para 17 participantes, pela instrutora Cassia Helena Borghi de Barros.



BOCAIÚVA DO SUL

BÁSICO EM MANDIOCA

O curso com o instrutor Frederico Leoneo Mahnic foi realizado nos dias 10 e 11 de agosto, com oito participantes. O curso foi viabilizado pela Regional Curitiba do SENAR-PR.



FLORESTÓPOLIS

EXCEL INTERMEDIÁRIO

O instrutor Reinaldo Galvão repassou conhecimento a oito participantes, entre 28 e 30 de agosto. O curso foi viabilizado em parceria com o Sindicato Rural de Porecatu e Usina Alto Alegre em Florestópolis.



SERTANÓPOLIS

BÁSICO EM MILHO

O instrutor Frederico Leoneo Mahnic capacitou oito participantes, no curso realizado nos dias 14 e 15 de junho.

VIA RÁPIDA



Pinguins espertos

Os pinguins vivem em áreas onde a água do mar é a principal fonte de líquido. Porém, a alta concentração de sal é um problema. Para resolver isso, os animais desenvolveram glândulas supraorbitais que filtram o excesso de sal do sangue e o excretam pelo nariz.

Mel nas pirâmides

Ao escavar as famosas pirâmides do Egito, os arqueólogos encontraram vasos de mel em um antigo túmulo. O mel, datado de aproximadamente 3 mil anos, é a amostra mais antiga do mundo – e ainda perfeitamente comestível.

Primeiro celular

O primeiro celular foi desenvolvido em 1956 pela empresa sueca Ericsson. Porém, o aparelho era muito rudimentar e pesava 40 quilos. Só era possível transportá-lo dentro do carro, o que dificultou sua popularização.



Dados aéreos

As caixas-pretas consistem em duas unidades separadas: o gravador de voz da cabine (CVR – *Cockpit Voice Recorder*) e o gravador de dados de voo (FDR – *Flight Data Recorder*). O CVR capta conversas e sons na cabine da tripulação, enquanto o FDR registra uma variedade de dados de voo, como altitude, velocidade e posição das superfícies de controle. Os dois dispositivos são projetados para fornecer informações cruciais para a investigação em caso de acidentes aéreos, ajudando a determinar as causas.

Origem do Wi-Fi

Durante a 2ª Guerra Mundial, a atriz Hedy Lamarr criou e patenteou uma espécie de torpedo guiado por rádio que impedia a detecção do sinal pelos inimigos. O material desenvolvido por Lamarr era conhecido como tecnologia de espectro alargado por salto de frequência e, anos depois, o recurso deu origem à primeira base de Wi-Fi.



Laika, a pioneira

A União Soviética liderou a corrida espacial com o primeiro satélite, o Sputnik, e rapidamente avançou com o Sputnik 2. Esse segundo projeto transportou o primeiro organismo vivo, a cachorra Laika, para a órbita terrestre, marcando outro importante feito na história espacial.

Pet virtual

Por que o computador foi ao médico? Porque estava com vírus de estimação.

FOTO DO CLIMA

Quer ver sua foto do clima publicada no Boletim? É fácil! Basta entrar na seção **Clima**, do site sistemafaep.org.br ou pelo **app** do Sistema FAEP/SENAR-PR.



Lucas Ferreira Das Neves – Santa Tereza do Oeste, Paraná



Minhas amigas produtoras e meus amigos produtores rurais,

Estamos finalizando um ano de muitos desafios, mas também de inúmeras realizações e conquistas.

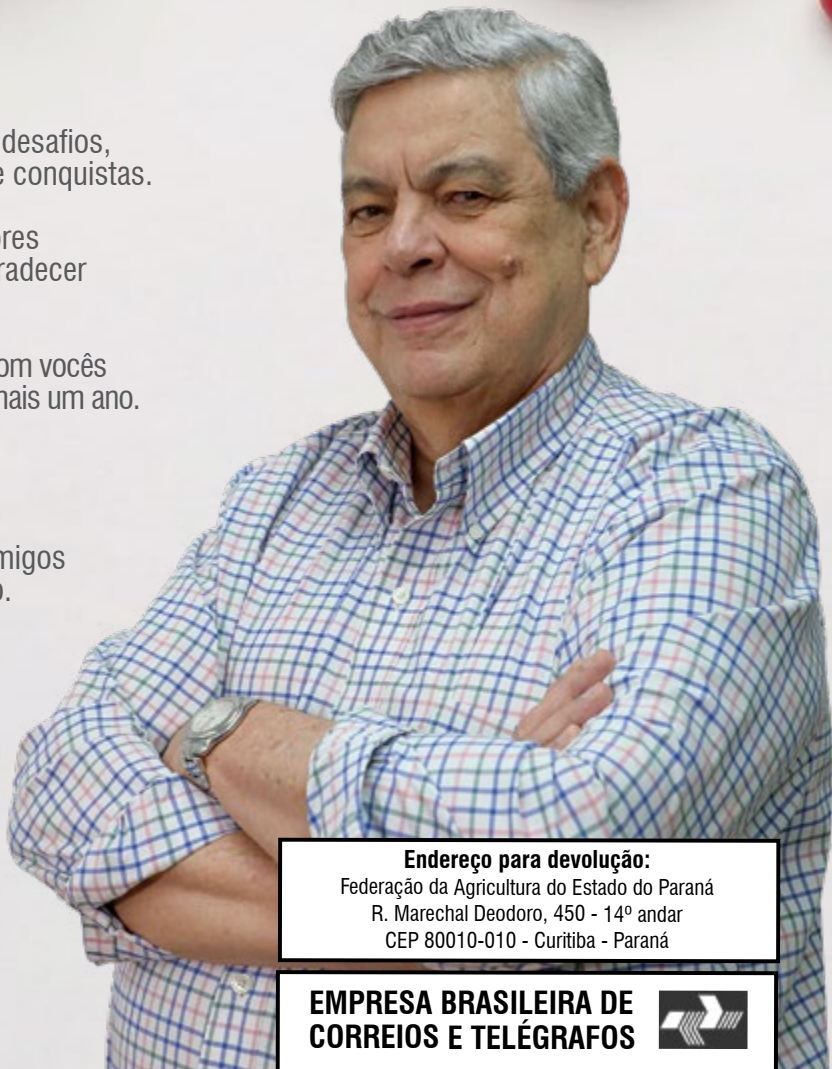
Em nome da diretoria e dos colaboradores do Sistema FAEP/SENAR-PR, quero agradecer a parceria ao longo dessa caminhada.

É uma honra e uma alegria poder contar com vocês no sistema sindical rural paranaense por mais um ano.

Em 2024 espero continuar contando com essa amizade e parceria.

Desejo para vocês, seus familiares e amigos um feliz Natal e um excelente Ano Novo.

Ágide Meneguette,
Presidente do
Sistema FAEP/SENAR-PR



SISTEMA FAEP



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

